

CRAFT *e* T

DESIGN

DA CESTARIA DE GONÇALO



FUNDAÇÃO  
CRIANÇA

CATÁLOGO  
2019

<b>SOBRE</b>	
<i>ABOUT</i> .....	2
<b>PROCESSO</b>	
<i>PROCESS</i> .....	6
<b>PRODUTOS E SERVIÇOS</b>	
<i>PRODUCTS AND SERVICES</i> .....	14
<b>LINHA NATURE</b>	
<i>LINE NATURE</i> .....	34
<b>RESIDÊNCIAS ARTÍSTICAS <i>PILOT ARTISTIC RESIDENCE</i></b> .....	38
<b>CARLA CABRAL NINHOS</b>	
<i>CARLA CABRAL NESTS</i> .....	40
<b>OLINDA XAVIER MÁSCARAS</b>	
<i>OLINDA XAVIER MASKS</i> .....	42

<b>BRUNO ALEXANDRE VIME VIVO</b>	
<i>BRUNO ALEXANDRE LIVE WICKER</i> .....	44
<b>MANUEL MIRANDA FERNANDES ETNOBOTÂNICA</b>	
<i>MANUEL MIRANDA FERNANDES ETHNOBOTANY</i> .....	46
<b>SOUVENIR GUARDA NINHOS</b>	
<i>GUARDA NINHOS SOUVENIR</i> .....	48
<b>ESTUDO ETNOBOTÂNICO</b>	
<i>ETHNOBOTANICAL STUDY</i> .....	58
<b>CONTACTOS</b>	
<i>CONTACTS</i> .....	57



CATÁLOGO  
2019

Guarda Ninhos<sup>[1]</sup> é um projecto de empreendedorismo inclusivo<sup>[2]</sup> que tem como objectivo desenvolver, produzir, divulgar e comercializar novos produtos e serviços de artesanato local. Soluções que têm como base o património sócio-cultural, ecológico e económico da região da Guarda, mas também o património imaterial do conhecimento e dos saberes das suas comunidades. Durante o ano de 2018, a ADM Estrela promoveu a realização de várias ações que procuraram contribuir para o fortalecimento das comunidades criativas da região da Serra da Estrela e para o desenvolvimento de produtos e serviços centrados no tema da cestaria de Gonçalo, conforme diretrizes que visam promover ações de valorização do património desta comunidade e seus artesãos<sup>[3]</sup>. Reinventar a cultura deste lugar e criar valor social e económico, com as pessoas que habitam, foi a linha de atuação deste projecto que envolveu o mestre cesteiro Fernando Nelas e o cesteiro Hélder Saraiva<sup>[4]</sup>. Ao longo de um ano, mestre e aprendiz desenvolveram novas linhas de produtos, sob a orientação do designer Sérgio Lemos<sup>[5]</sup>. Este desenhou produtos e promoveu um “laboratório de experiências” que ligam o trabalho em vime com outros materiais e tecnologias e a cestaria de Gonçalo com empresas e comunidades artesanais locais. Os artesãos e o designer misturaram o vime com a lã da fição Têxtil Manuel Rodrigues Tavares, SA

*Guarda Ninhos<sup>[1]</sup> is an inclusive entrepreneurship project<sup>[2]</sup> that aims to develop, produce, promote and market new local handicraft products and services: solutions based on the socio-cultural, ecological and economic patrimony of the Guarda region, as well as the immaterial heritage of the knowledge of its communities.*

*During 2018, ADM Estrela promoted several actions that sought to contribute to the strengthening of the creative communities of the Serra da Estrela region and to the development of products and services focused on the theme of the Gonçalo basketry, according to directives aimed at promoting the valuation of of this community and its artisans’ heritage<sup>[3]</sup>.*

*Reinventing the culture of this place and creating social and economic value for (and with) the people who live there, was the line of action of a project that involved the master basket maker Fernando Nelas and the basket maker Hélder Saraiva<sup>[4]</sup>. Over the course of a year, master and apprentice developed new product lines, under the guidance of designer Sérgio Lemos<sup>[5]</sup>. Lemos designed products and promoted a “laboratory of experiences” linking wickerwork with other materials and technologies, and Gonçalo’s wickerwork with local craft companies and communities.*

SOBRE

ABOUT



[1]

GUARDA-NINHOS integra-se no projeto ONEP – ON Inclusive Entrepreneur (oninclusiventrepreneur.com). Uma iniciativa europeia cujo principal objetivo é a dinamização económica e a consequente criação de riqueza nas zonas fronteiriças, fundamentalmente de âmbito rural, entre Espanha e Portugal, com projetos orientados para a criação de novas iniciativas de emprego, que promovam a empregabilidade em zonas rurais, especialmente para a inserção profissional de pessoas com deficiência e/ou incapacidade ou em situação de exclusão social. O consórcio que desenvolve o projeto é composto por entidades de Castilla y León e Portugal e enquadra-se no

Programa de Cooperação Transfronteiriça Interreg V-A Espanha – Portugal (POCTEP) 2014 – 2020.

[2]

Poderíamos denominá-la como ação de design social como as representadas no modelo, já testado nesta região, e que se organiza de acordo com a seguinte representação gráfica e estrutura teórica. LEMOS, S. – Trilhos na Floresta – Imersões criativas no âmbito do Design Social. Aveiro: Universidade de Aveiro. 2014. Ver também: <https://correiodaguarda.blogs.sapo.pt/artefactos-e-patrimonio-regional-no-535866>

[3]

Criação de Centro de Valorização da Cestaria de Gonçalo publicada no Diário da República. A Resolução da Assembleia da República n.º 82/2018, aprovada em 2 de fevereiro e publicada em Diário da República, recomenda a criação do Centro para a Promoção e Valorização da Cestaria de Gonçalo de forma a contribuir para definir a “Cestaria de Gonçalo”, através “das suas características materiais e artísticas, com vista a assegurar um processo de certificação”. A qualificação e valorização das artesãs e artesãos, bem como a formação de novos artesãos, o levantamento e inventariação das técnicas e processos da arte de trabalhar o vime e o estudo e investigação

sobre a história, a estética, os processos, as técnicas e os materiais, são outros dos objetivos a atingir.

[4]

Esta ação procurou criar novas iniciativas de ocupação ou empregabilidade em zonas rurais, envolvendo pessoas em situação de exclusão social, como é o caso do mestre cesteiro Fernando Nelas e o cesteiro Hélder Saraiva, os beneficiários a quem o projeto se dirige e que participaram em todas as atividades de campo realizadas.

[5]

Num projecto social deste tipo, o designer funciona como o núcleo de uma equipa, o elemento-síntese. É ao ser tal elemento, o designer não é obrigatoriamente o mais informado ou mais criativo, mas aquele que assume o papel de alguém que faz uma síntese abrangente e que funciona como padrão para todas as outras disciplinas. Ver sobre: PAPANEK, Victor – Design for the Real World. Human Ecology and Social Change. London:Thames and Hudson, 1985 (edição original 1971), p.186.

[1]

GUARDA-NINHOS is part of the ONEP – ON Inclusive Entrepreneur (oninclusiventrepreneur.com) project. A European initiative whose main objective is to boost the economy and the consequent creation of wealth in the border areas, mainly rural areas, between Spain and Portugal, with projects aimed at creating new employment initiatives that promote employability in rural areas, especially for the professional insertion of persons with disabilities and/or disability or in situations of social exclusion. The consortium that develops the project is composed of entities from Castilla y León and

Portugal and is part of the Interreg V-A Spain Portugal Cross-Border Cooperation Program (POCTEP) 2014-2020.

[2]

We could call it a social design action as represented in the model, already tested in this region, and organized according to the following graphical representation and theoretical structure. Lemos, S. – Trilhos na Floresta – imersões criativas no âmbito do design social. Aveiro: Universidade de Aveiro. 2014. See also: <https://correiodaguarda.blogs.sapo.pt/artefactos-and-patrimonio-regional-no-535866>

[3]

Creation of a Valuation Center of the Basket of Gonçalo published in the Diário da República. The Resolution of the Assembly of the Republic no. 82/2018, approved on February 2 and published in the Diário da República, recommends the creation of the Center for the Promotion and Valorization of Basketry of Gonçalo in order to contribute to define the “basketry of Gonçalo “Through” their material and artistic characteristics, with a view to ensuring a certification process”. The qualification and valuation of artisans and artisans, as well as the training of new craftsmen, the survey and inventory of the tech

niques and processes of the art of working wicker and the study and investigation of history, aesthetics, processes, techniques and materials, are other goals to achieve.

[4]

This action has sought to create new employment or employability initiatives in rural areas, involving people in a situation of social exclusion, as is the case of the basket master Fernando Nelas and the basket worker Hélder Saraiva, the beneficiaries to whom the project is directed and who participated in all the field activities carried out.

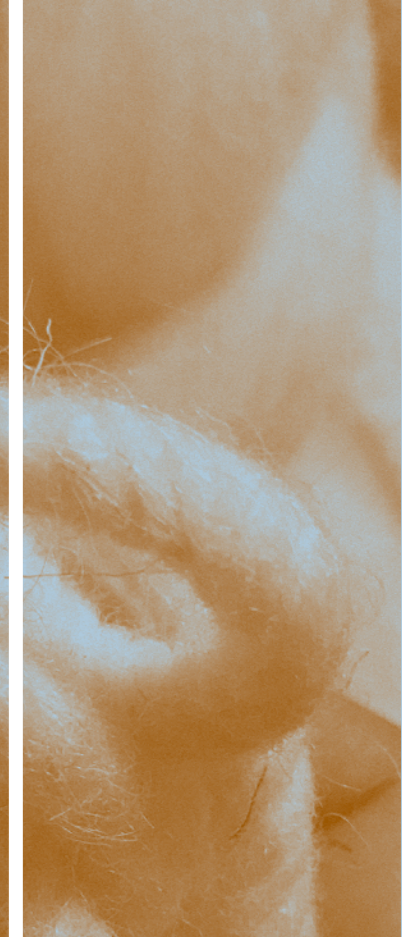
[5]

In a social project of this type, the designer functions as the core of a team, the element-synthesis. And because it is such an element, the designer is not necessarily the more informed or more creative, but the one who assumes the role of someone who makes a comprehensive synthesis and that works as a standard for all other disciplines. See also: PAPANEK, Victor – Design for the Real World. Human Ecology and Social Change. London: Thames and Hudson, 1985 (original edition 1971), p.186.

e com o cobertor de papa da aldeia de Maçainhas na Guarda. O designer desenvolveu também oficinas abertas com três criativos: a artista plástica Carla Cabral, a artesã Olinda Xavier e o designer Bruno Alexandre que, no local, interpretaram a cestaria de Gonçalo, a partir da sua própria linguagem e visão crítica sobre o legado artístico e técnico deste sítio. Promoveu ainda a realização de um estudo etnobotânico sobre a matéria prima usada neste tipo de cestaria, da autoria do engenheiro florestal Manuel Miranda Fernandes – um estudo fundamental para conhecer os caminhos da sustentabilidade desta espécie vegetal. Finalmente, a Associação de Artesãos da Serra da Estrela (AASE) divulgou alguns produtos resultantes do projecto em feiras da especialidade, efetuando promissores contactos comerciais para o futuro. Estes foram os principais atores que conceberam os artefactos e as experiências que falam do património deste lugar.

*The artisans and the designer mixed the wicker with the wool of the spinning Têxtil Manuel Rodrigues Tavares, SA and with the 'papa' blanket fabric of the village of Maçainhas in Guarda. The designer also developed open workshops with three creative artists: the plastic artist Carla Cabral, the artisan Olinda Xavier and the designer Bruno Alexandre who interpreted the basket of Gonçalo, based on their own language and critical view of the artistic and technical legacy of the place. He also promoted an ethnobotanical study on the raw material used in this type of basketry, made by the forest engineer Manuel Miranda Fernandes – an important study to evaluate the sustainability of this plant species. Finally, the Association of Artisans of Serra da Estrela (AASE) has publicized some of the products resulting from the project at trade fairs, establishing promising commercial contacts for the future. These were the main actors who conceived the artifacts and the experiences that speak of the patrimony of this place.*





PROCESSO  
PROCESS

A ação teve a duração de doze meses e desenvolveu-se nas seguintes fases: **1)** Planeamento estratégico (fevereiro – março 2018); **2)** Design dos produtos e prototipagem (abril – dezembro 2018); **3)** Residências artísticas piloto (junho 2018 – fevereiro 2019) e **4)** Divulgação do projeto e testes comerciais (fevereiro de 2019 em diante). Organizou-se segundo um modelo de cocriação (artesanato+design), orientado segundo uma estratégia mais alargada<sup>[1]</sup>, que procura: **1)** reposicionar a marca “cestaria de Gonçalo” como uma referência de sustentabilidade local e global; **2)** criar sistemas que permitam, do ponto de vista social, chamar novos atores ao território para, com os que aí operam, **3)** criarem produtos e serviços representativos da identidade local.



*The project lasted twelve months and was developed in the following phases: **1)** Strategic planning (February – March 2018); **2)** Product design and prototyping (April – December 2018); **3)** Pilot artistic residencies (June 2018 – February 2019) and **4)** Project disclosure and commercial tests (February 2019 onwards).*

*It was organized according to a model of co-creation (handicrafts + design), guided by a broader strategy<sup>[1]</sup>, which seeks to: **1)** reposition the "Gonçalo Basket" brand as a reference for local and global sustainability; **2)** to create systems that allow, from the social point of view, to call new actors to the territory to **3)** to create, in cooperation with those who operate there already, products and services that represent the local identity.*

[1]

Para além das diretivas já aprovadas em diário da república referidas anteriormente, ver, por exemplo: EUROPEAN UNION – DIRECTORATE – GENERAL FOR AGRICULTURE AND RURAL DEVELOPMENT – Rural Development in the European Union: Statistical and Economic Information Report 2010-2013. Bruxelas e CREATIVE AND CULTURAL SKILLS – The Craft Blueprint. A workforce development plan for craft in the UK. London: Crafts Council, 2009.

[1]

*In addition to the directives already approved in the Republic's diary referred to above, see, for example: EUROPEAN UNION – DIRECTORATE – GENERAL FOR AGRICULTURE AND RURAL DEVELOPMENT – Rural Development in the European Union: Statistical and Economic Information Report 2010-2013. Brussels and CREATIVE AND CULTURAL SKILLS – The Craft Blueprint. A workforce development plan to craft in the UK. London: Crafts Council, 2009.*

Nesse sentido, produtos e serviços foram criados a partir das seguintes dimensões operativas:

**PATRIMÓNIO** Foram sistematizados técnicas, moldes e produtos da cestaria de Gonçalo relevantes para recriar artefactos modernizados e organizados segundo tipologias adequadas à atualidade<sup>[2]</sup>. Famílias de produtos fabricados pelos dois artesãos, com elevados critérios de qualidade que podem agora ser comercializados utilizando a marca Guarda Ninhos, com vista a assegurar um processo de certificação e enquadramento enquanto produtos de comércio justo;

*In this sense, products and services were created from the following operational dimensions:*

**HERITAGE** Relevant techniques, molds and basket products from Gonçalo capable of recreating modernized artifacts were categorized and organized according to typologies appropriate to the present time<sup>[2]</sup>. Families of products manufactured by the two artisans, with high quality criteria that can now be marketed using the Guarda Ninhos brand, in order to ensure a process of certification and framing as fair trade products;

**ARTE** Atendendo ao número cada vez mais reduzido de artesãos a exercer a arte da cestaria em Gonçalo, desenvolvemos uma linha de artefactos de autor (Darga crafts), que sintetizam as técnicas passíveis de serem executados localmente. A técnica, ainda em uso, foi adaptada à criação de objetos manufaturados onde se privilegiou o estético e o simbólico em relação ao funcional. Executados com elevados critérios de qualidade, para que possam atingir, no mercado, um alto valor acrescentado. Como no caso da *wicker*

*ART* In view of the decreasing number of artisans practicing the art of basketry in Gonçalo, we have developed a line of authorship artifacts (Darga crafts), which synthesize techniques that can be performed locally. The technique, still in use, was adapted to the creation of manufactured objects where the aesthetic and the symbolic were privileged in relation to the functional. Executed with high quality criteria, so that they can achieve a high added value in the market. As was the

[2]

O trabalho de sistematização teve como base ações no terreno que implicaram a recolha e análise de moldes e desenhos existentes em Gonçalo e publicações como a de Rodrigues, Américo – CESTOS COM ASAS. Guarda: Edição Câmara Municipal da Guarda e Núcleo da Associação Cultural e Junta de Freguesia de Gonçalo, 2003.

[2]

*The work of systematization was based on actions in the field that involved the collection and analysis of existing molds and designs in Gonçalo and publications such as Rodrigues, Américo - Cestos com asas. Guarda: Edição câmara municipal da Guarda e Núcleo da associação cultural e Junta de Freguesia de Gonçalo, 2003.*

*chair and lounge*, da super-estrela do design Marc Newson, produzida por uma comunidade de cesteiros na Tailândia e comercializadas pela Idée<sup>[3]</sup>.

**3) CONHECIMENTO** O desenvolvimento deste projecto, resultante de mais de 450 horas de trabalho de campo e de um ano de trabalho em oficina e do envolvimento de uma pequena comunidade criativa, gerou informação e conhecimento que estão agora disponíveis em diferentes suportes de divulgação, que podem facilitar futuras ações de replicação ou ampliação.

O estudo etnobotânico, constituído pelo levantamento preliminar das espécies de salgueiro (*Salix spp.*) usadas como matéria-prima na cestaria de vime em

*case of the wicker chair and lounge, conceived by the super-star designer Marc Newson, produced by a community of basket makers in Thailand and marketed by Idée.*<sup>[3]</sup>

**3) KNOWLEDGE** The development of this project, the product of more than 450 hours of fieldwork and one year of workshop work and the involvement of a small creative community, generated information and knowledge that is now available in different publicizing media, which may facilitate future replication or expansion actions.

The ethnobotanical study, consisting of the preliminary survey of willow species (*Salix spp.*) used as

Gonçalo, em termos botânicos e fitogeográficos e o registo preliminar de conhecimentos e saberes relativos ao modo de cultivo e processamento da matéria-prima vegetal, acrescentam conhecimento e reflexão com vista a futuras ações.

As residências artísticas piloto geraram produtos que envolvem os dois cesteiros no processo produtivo e comercial que agora se inicia. São replicáveis e podem funcionar como um serviço associado à marca Guarda Ninhos.

*raw material in wicker basketry in Gonçalo, in botanical and phytogeographic terms, and the preliminary registration of the knowledge related to the cultivation and processing of vegetable raw materials, add knowledge and reflection for future actions.*

*Pilot artistic residences have generated products that involve the two basket makers in the production and commercial process that is now beginning. They are replicable and can function as a service associated with the Guarda Ninhos brand.*

[3]

Apesar de difícil, é possível atrair estrelas da arte e do design a um contexto de cocriação tão exigente. As dificuldades verificam-se em diferentes dimensões da comunicação: **1)** os artesãos não utilizam ferramentas Web, nem possuem competências de representação e de interpretação de desenho – constroem empiricamente e, devido à linguagem vernácula, associada ao comércio da cestaria e ao isolamento a que estas comunidades estão sujeitas, a interação dos de fora é por vezes pouco produtiva. A AASE conseguiu, para já, despertar o interesse da conceituada artista nacional Joana Vasconcelos sobre a cestaria de Gonçalo, durante a edição

2018 da FIA – Feira Internacional de Artesanato de Lisboa. Acreditamos que, num futuro próximo, Gonçalo e outras comunidades artesanais serão cada vez mais atrativas a criadores, das mais variadas áreas de expressão, que pretendam explorar a arte e a técnica do vime em contexto imersivo.

[3]

Although difficult, it is possible to attract stars of art and design to such a demanding co-creation context. The difficulties are found in different dimensions of communication: **1)** artisans do not use Web tools, nor do they have representation and design interpretation skills – they construct empirically and, due to vernacular language, associated with basket-work commerce and that these communities are subject, the interaction of outsiders is sometimes unproductive. The AASE managed to awaken the interest of the renowned national artist Joana Vasconcelos on Gonçalo basketry, during the 2018

edition of the FIA – Lisbon International Handicraft Fair. We believe that, in the near future, Gonçalo and other artisan communities will be increasingly attractive to breeders from the most varied areas of expression, who wish to explore the art and technique of wicker in an immersive context.





A comunidade criativa do Guarda Ninhos  
*Guarda Ninhos creative community:*

- Ana Brás, Bruno Alexandre, Associação de artesãos da Serra da Estrela, Carla Cabral, Carla Morgado, Catarina Gonçalves, Claudia Soares, Darga crafts, Maria Fernanda Coimbra, Fernando Nelas, Fiação Tavares SA, Filipe Rosa Gomes, Gito Lima, Helder Saraiva, José Carlos Correia, José Freire, José Gomes, José Costa Pinto, Junta de Freguesia de Gonçalo, Manuel Miranda Fernandes, Marco Gonçalves, Margarida Gonçalves, Maria João Lima, Maria Luís Marinho, Olinda Xavier, Paulo Silva e Vitor Amaral



PRODUTOS *PRODUCTS*  
E SERVIÇOS *AND SERVICES*

O *cluster*, constituído pelas entidades envolvidas, disponibiliza agora ao grande público.

#### LINHA DE PRODUTOS DE CESTARIA TRADICIONAL

Oito novos cestos desenvolvidos a partir de moldes e técnicas tradicionais. Contentores de transporte onde foram introduzidas alterações geométricas, de matérias ou pormenores comunicativos, reinventando velhas narrativas associadas a cestos outrora populares. De fácil construção, “limpos” de adornos e com uma linguagem mais contemporânea, podem despertar o consumidor para o seu uso quotidiano – objetos funcionais que incorporam um certo tipo de poesia que os pode diferenciar dos desvalorizados cestos de Gonçalo.

*The cluster, made up of the entities involved, now makes available to the general public.*

#### TRADITIONAL BASKETRY PRODUCT LINE

*Eight new baskets developed from traditional molds and techniques. Transport containers where geometric, material or communicative detail changes were introduced, recreating old– once popular – narratives related to baskets. Easy to construct, free from ornaments and with a more contemporary language, they can draw the consumer attention to their daily usage – functional objects that incorporate a certain type of poetry that can differentiate them from the devalued traditional baskets of Gonçalo.*





## CESTO ALEMÃO

É o elogio da cestaria de Gonçalo ao organizado povo germânico. Simples e elegante, disponível em três tamanhos e cores do fundo para melhor ordenar e organizar - três faixas horizontais das cores nacionais da Alemanha: preto, vermelho e dourado. Vime com apontamentos pictóricos.

## GERMAN BASKET

Is Gonçalo basketry's praise to the organized German people. Simple and elegant, available in three sizes and background colours for better ordering and organizing - three horizontal bands of the national colours of Germany: black, red and gold. Wicker with pictorial notes.

L 38X24X34 cm

M 30X19X32 cm

S 26X16X27 cm



## CESTO ALCOBAÇA

Útil para a apanha da fruta, cogumelos e vegetais da época. Disponível em três tamanhos empilháveis e dois artefactos que servem para melhorar o conforto e a segurança do utilizador durante a experiência. Vime, madeira e cobertor de papa.

## ALCOBAÇA BASKET

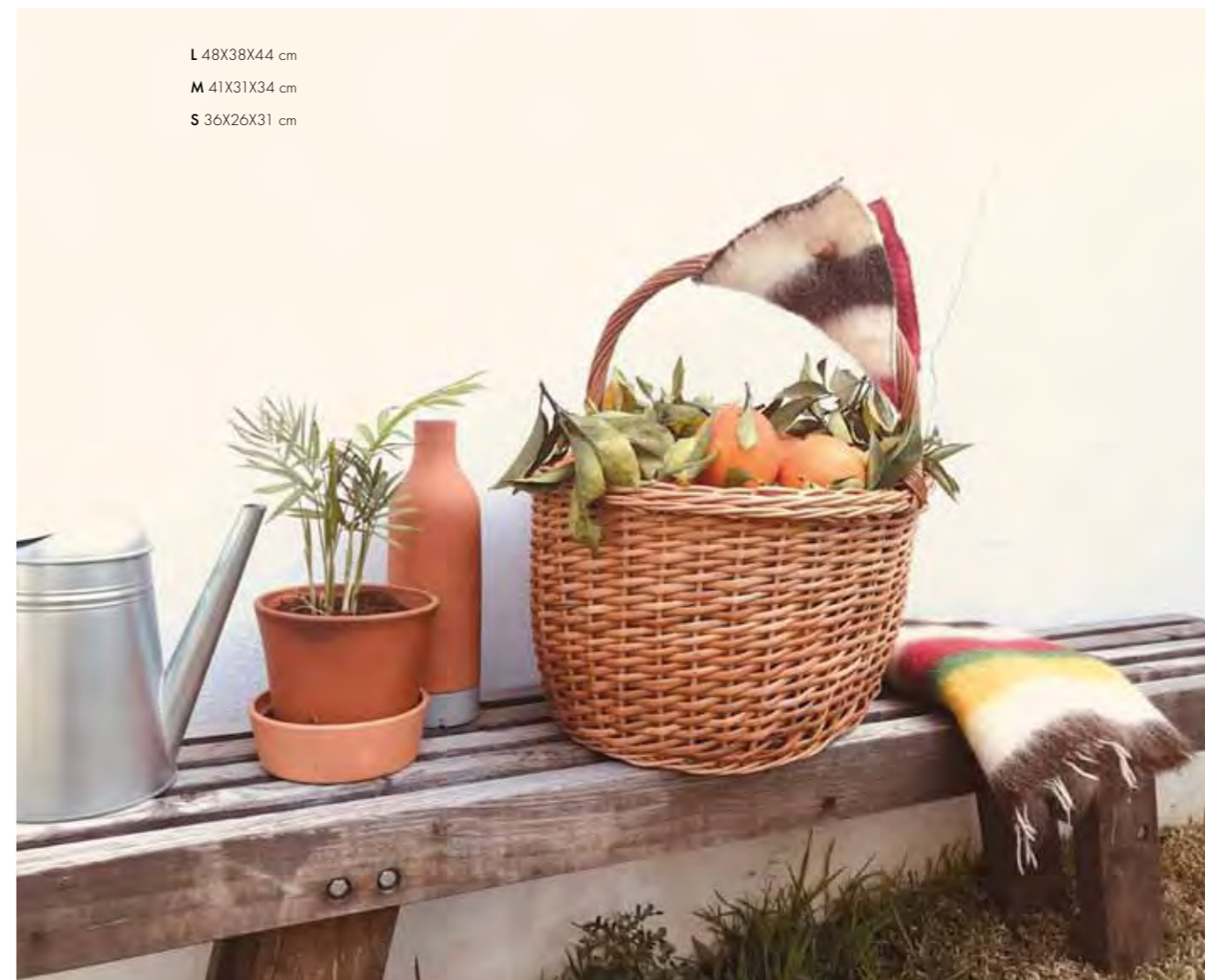
Appropriate for the harvesting of fruit, mushrooms and seasonal vegetables. Available in three stackable sizes and two artifacts that serve to enhance user comfort and safety during the experience. Wicker, wood and 'papa' blanket.



L 48X38X44 cm

M 41X31X34 cm

S 36X26X31 cm





## CESTO CIGANO

As "estórias" que se contam na aldeia de Gonçalo falam das trocas de vime, de fainas e de modelos de cesto com este povo nómada. Disponível em três tamanhos, em vime escuro típico do fim da cozedura, possui pormenores em lã que lhe conferem um maior carácter e conforto. Vime, macramé em fio de lã.

## GYPSY BASKET

Stories told in the village of Gonçalo speak of the changes of wicker, faience and basket models attributed to this nomadic people. Available in three sizes, in dark wicker typical of the end of the baking, it has wool details that give it a greater character and comfort. Wicker, macramé in woollen yarn.



# CESTO DE BICICLETA

Os cestos e as bicicletas sempre funcionaram bem juntos. Este modelo é quase universal porque se monta facilmente na maioria das tipologias de bicicleta - feminina, masculina, de passeio ou desportiva. Vime, cintas de fixação em pele natural.

# BICYCLE BASKET

*Baskets and bicycles always went well together. This model is almost universal because it mounts easily in most types of bicycle - female, male, ride or sport. Wicker, fastening straps in natural leather.*



# CESTO DE PESCA

O cesto de pesca é uma obra-prima do design anónimo, fielmente replicado em todo o mundo. O do pescador de Gonçalo, fiel ao modelo "original", possui um fecho em forma de truta, que invoca os ecossistemas piscícolas dos rios e ribeiras locais – a ribeira da Gaia e o rio Zêzere. Vime, madeira e macramé em fio de linho.

# FISHING BASKET

*The fishing basket is a masterpiece of anonymous design, faithfully replicated throughout the world. The fisherman of Gonçalo, faithful to the "original" model, has a trout clasp, which invokes the fish ecosystems of the local rivers and streams – the Gaia river and the Zêzere river. Wicker, wood and macramé in linen thread.*



30X18X21 cm





## CESTO DE LENHA

O vime e a lã foram entrelaçados sobre uma estrutura em corda de sisal para uma maior resistência e conforto no transporte da lenha e de outros objetos pesados. Disponível em dois tamanhos, é versátil para transportar e armazenar em espaços que se queiram mais depurados. Vime, corda de sisal e macramé em fio de lã.



## WOOD BASKET

*Wicker and wool were woven on a sisal rope structure for greater strength and comfort in the transportation of firewood and other heavy objects. Available in two sizes, it is easy to carry and store in more refined spaces. Wicker, sisal rope and macramé in woollen yarn.*



L 55X35X70 cm

M 46X30X37 cm

## CESTO DE ROUPA

O vime é um material natural ideal para criar contentores ventilados para armazenar roupa suja ou lavada. Disponível em vime branco, com pormenores em lã e madeira. Vime, madeira e macramé em fio de lã.



## LAUNDRY BASKET

*The wicker is an ideal natural material to create ventilated containers for storing dirty or clean laundry. Available in three sizes, in white wicker, with details in wool and wood. Wicker, wood and macramé in woolen yarn.*



45X45X55 cm





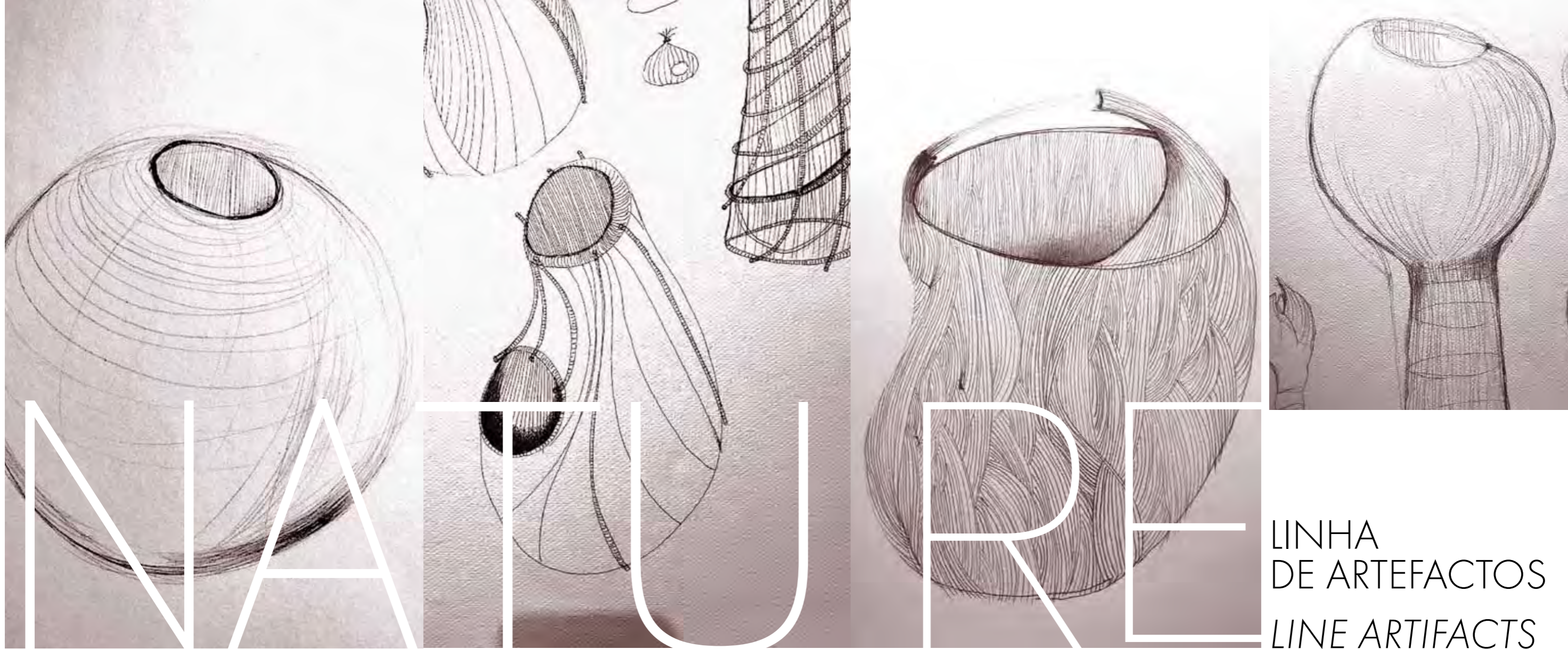
## CESTO DE SENHORA

A carteira de vime está na "moda", é uma expressão que se ouve muito por estes dias. Nesse sentido, desenvolvemos um modelo que procura satisfazer as necessidades estéticas e de organização da mulher moderna. A sua forma circular apela ao conforto e conotação com o feminino. Vime, madeira, fazenda de lã e pele natural.

## LADY'S BASKET

"The wicker wallet is fashionable," is an expression one hears a lot these days. In this sense, we have developed a model that seeks to satisfy the aesthetic and organizational needs of modern women. Its circular shape appeals to comfort and connotation with the feminine. Wicker, wood, wool farm and natural fur.





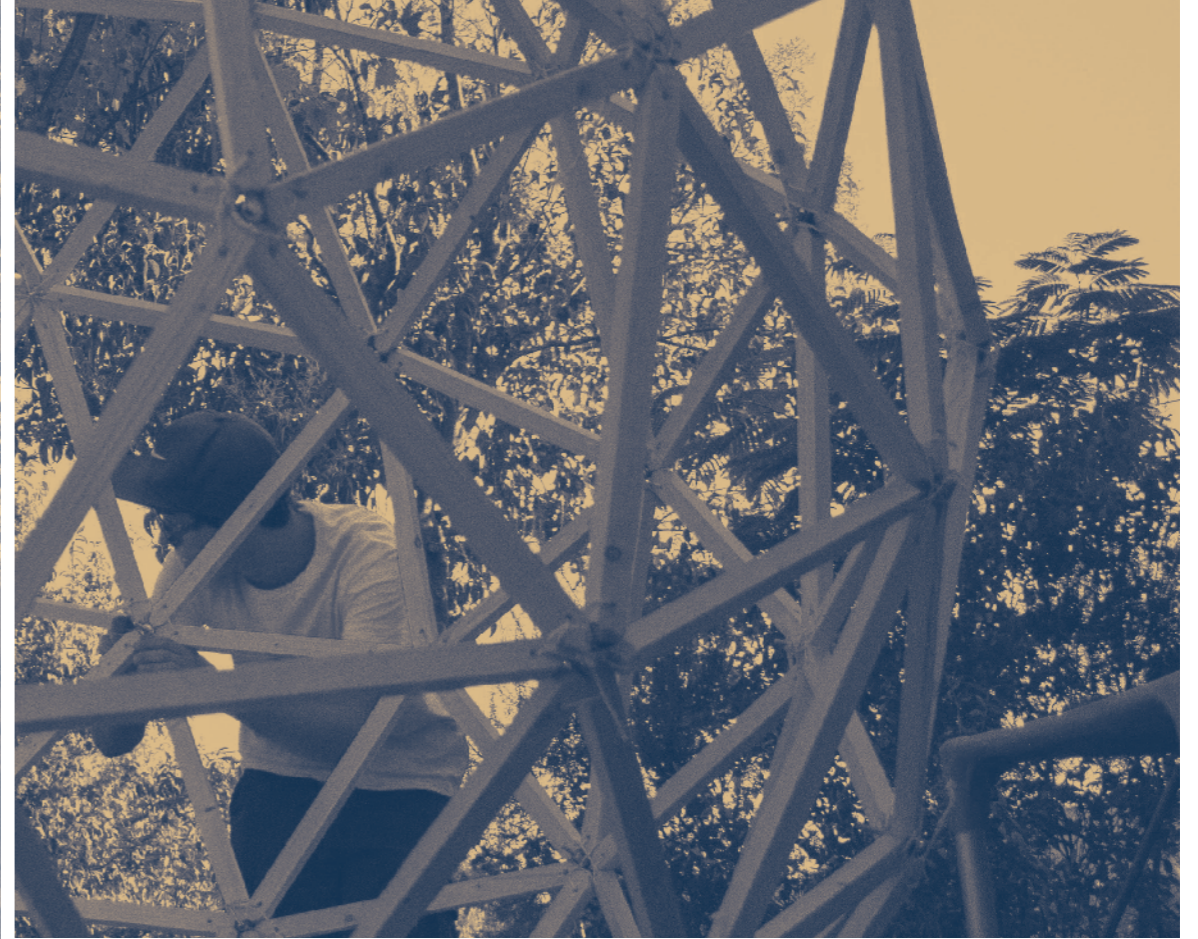
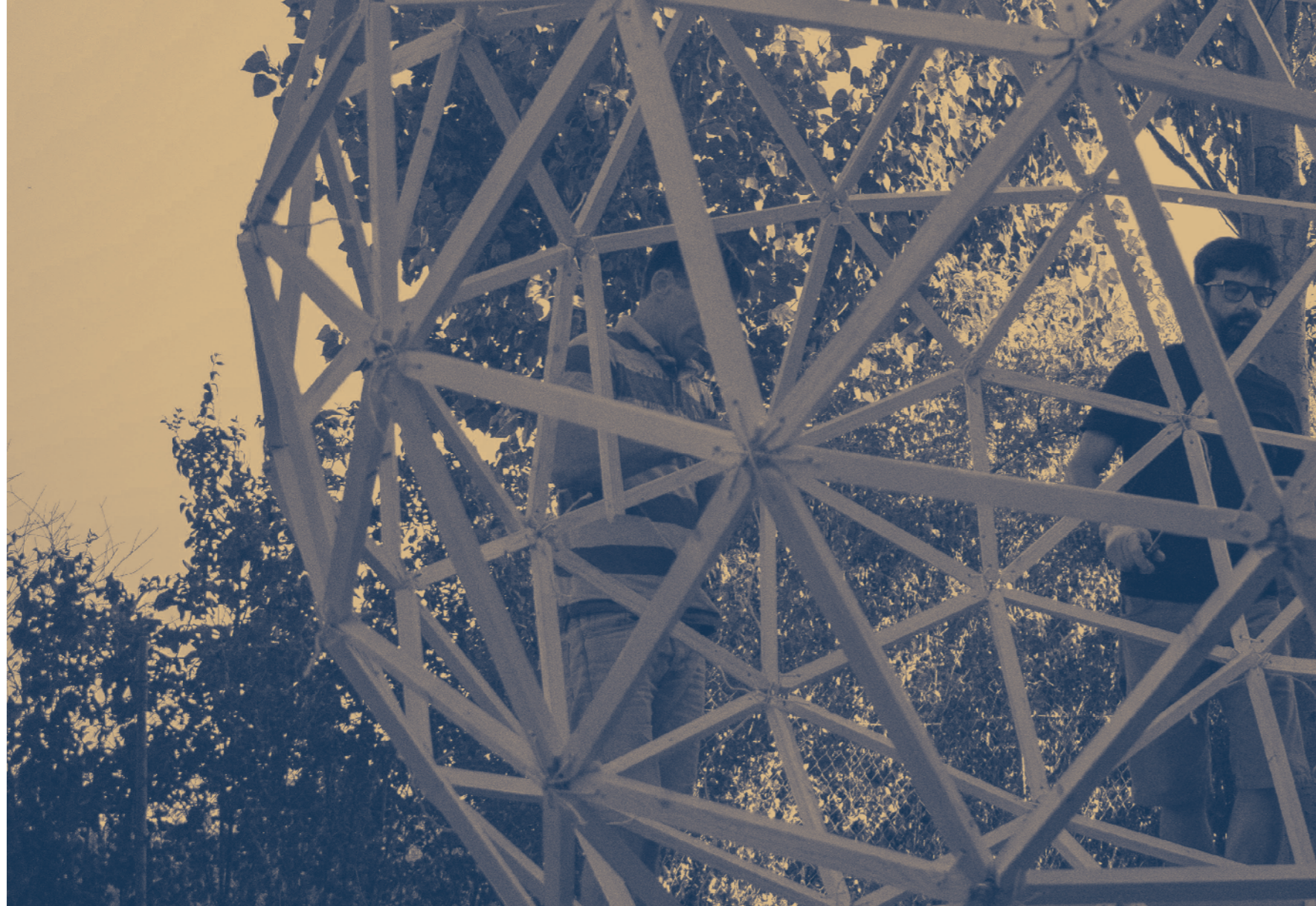
# NATURE

LINHA  
DE ARTEFACTOS  
*LINE ARTIFACTS*



Quatro estruturas artísticas em vime, *Four artistic structures in wicker,* peças únicas, como elementos cenográficos desenvolvidos pela marca *unique pieces, like scenographic elements developed by the Darga Darga.* **Nature** são simbologias de arte de tecer os elementos vegetais, *representations of the artistic weaving the dos ninhos a outras representações plant elements, from nests to other naturalistas. Estruturas que pretendem naturalistic representations. Structures that seek to deconstruct the functional a sua escala e assumirem-se como basketry and its scale and to assume objetos artísticos, de autor, que exploram novas formas, materiais, e themselves as artistic products, author objects, that explore new forms, new significados. materials, and new meanings.*





RESIDÊNCIAS ARTÍSTICAS  
*PILOT ARTISTIC RESIDENCE*

# CARLA CABRAL

ARTISTA PLÁSTICA PLASTIC ARTIST

Nasceu no Funchal. Licenciou-se em Artes Plásticas / Pintura pelo Instituto Superior de Artes Plásticas da Madeira. Participa desde 1990 em diversas exposições coletivas e individuais nas áreas da pintura, desenho, gravura, fotografia, instalação, em diversas cidades do país e do estrangeiro. Está representada em coleções particulares e na coleção do Museu de Arte Contemporânea do Funchal e no Museu Universo de Memórias. Autora do Projeto Bluette.

“Não há nada mais superlativo do que a pluridisciplinaridade nas áreas das Artes e do Design. O meu contributo como artista para o Projeto Guarda Ninhos foi a criação de dois objetos estéticos que nascem desse cruzamento - acredito que as expressões plásticas aliadas a outras linguagens de criação contribuem para a minha sensibilidade estética como artista em crescimento e para o meu desenvolvimento intelectual. Desse modo desenvolvi um trabalho que permitiu o crescimento da minha percepção e gozo estético, com a

*She was born in Funchal. She graduated in Fine Arts / Painting at the Higher Institute of Plastic Arts of Madeira. Since 1990 she has participated in several collective and individual exhibitions in the areas of Painting, Drawing, Engraving, Photography, Installation, in various cities of Portugal and abroad. She is present in private collections and in the collection of the Museum of Contemporary Art of Funchal and in the Universe of Memories Museum. Author of the Bluette Project. "There is nothing more superlative than*

*pluridisciplinarity in the areas of Arts and Design. My contribution as an artist to the Guarda Ninhos Project was the creation of two aesthetic objects born of this intersection – I believe that plastic expressions allied to other aesthetic sensibility as a growing artist and to my intellectual development. Therefore, I developed a project that stimulated the growth of my aesthetic perception and enjoyment, expanding my historical and patrimonial consciousness. It was in the artistic residence,*



ampliação da minha consciência histórica e patrimonial. Foi na residência artística, num espaço de experiência in loco, com os mestres cesteiros Fernando Nelas e Hélder Saraiva, que incuti o gosto pela atividade cultural da cestaria. Com essa partilha, acredito que desenvolvi, com consciência crítica e estética, a base elementar destes objetos em forma de ninhos. A herança cultural e histórica de tradições e regionalismos estéticos e técnicos, fez parte antes de mais, deste projeto individual e coletivo. Criei ninhos – casas de pássaros – que queria que tivessem um cunho artístico com um sentido prático direcionado para a natureza. O lado apaixonado da casa, um “abraço” com materiais conquistados ao Salgueiro e à lã, transformados em habitáculos poéticos, como se fossem versos emaranhados com ternura.”

*in a space of in loco experience, with the basket masters Fernando Nelas and Hélder Saraiva, that I acquired the taste for the cultural activity of the basketry. With this sharing, I believe I have developed, with critical and aesthetic awareness, the elemental basis of these nest-shaped objects. The cultural and historical heritage of aesthetic and technical traditions and regionalisms was, more than anything else, a part of this individual and collective project. I created nests – bird houses – that should have an artistic stamp, but with a practical side directed towards nature. The passionate side of the house, a "hug" with materials conquered to the Willow Tree and to the wool, transformed into poetic habitations, as if they were verses entangled with tenderness.”*

## NINHOS NESTS



# OLINDA XAVIER

ARTESÃ CRAFTSWOMAN



## MÁSCARAS MASKS

Artista popular natural de Baçal, Bragança, o seu percurso está fortemente vinculado à sua paixão pelos saberes e vivências no mundo rural. Olinda, sempre irreverente na aldeia que a viu nascer, com cerca de 20 anos, em meados de 1960, casada, decidiu abrir o seu coração e a sua mente e realizando um sonho desde moça, partiu

para África. Viveram em África mais de 15 anos inesquecíveis entre culturas, picadas, o cheiro da terra e principalmente as pessoas. Após este período, regressa ao seu país e desta vez fixa-se em Matosinhos, Porto, mas o seu interior nunca deixou de respirar as fragrâncias mais puras do mundo rural. Manteve desde sempre ligação ao calejo onde cresceu e definiu a sua essência. Foi nessas idas constantes à sua aldeia que surge o interesse por lazer pelo entrelaçamento das mais variadas fibras vegetais, desde vime, silvas, linho, palha, barbas de milho... explorando novas formas de cestaria em geral.

A popular natural artist from Baçal, Bragança, her journey is strongly linked to her passion for knowledge and experiences in the rural world. Olinda, always irreverent in the village that saw her born, being in the middle of 1960 a 20 years old woman, recently married, decided to open her heart and her mind and to realize a girl's dream: to leave for Africa. The married couple lived in Africa for more than 15 unforgettable years, among cultures, stings, the smell of land and especially people. At the end of this period, she returned to her country and settled

in Matosinhos, Porto, but her intimacy never ceased to breathe the purest fragrances of the rural world. She always maintained a connection to the alley where she grew up and defined her essence. It was during these constant trips to her village that a leisured interest for the interweaving of the most varied vegetable fibers – wicker, brushwood, flax, straw, beards of corn – arised ... exploring new forms of basketry in general. However, her work only managed to arouse the interest and curiosity of the community when in 2002 her son was a steward of

No entanto o seu trabalho só desperta o interesse e a curiosidade da comunidade, quando em 2002, o seu filho é mordomo da Festa dos Reis e decide experimentar fazer máscaras em escrinho, vime e palha para os caretos da aldeia. Esta abordagem conceptual do ponto de visto sociocultural teve tal relevância que desde então continuou a explorar máscaras com novas formas e materiais. Desde então o seu trabalho tem sido utilizado para investigações etnográficas, exposições e passou a ser presença permanente no Museu da Máscara e no Museu Abade de Baçal, ambos em Bragança.

the Feast of the Kings and she decided to make masks in scarf, wicker and straw for the 'caretos' of the village. This conceptual approach from the sociocultural point of view had such relevance that she continued to explore the production of masks with new forms and materials. Since then her work has been the object of ethnographic research and exhibitions and has become a permanent presence in the Museum of the Mask and the Abade de Baçal Museum, both in Bragança.

# BRUNO ALEXANDRE

DESIGNER

Licenciado em Design Industrial pela Universidade Lusíada do Porto. Doutorado em Engenharia de Design e Produção pela Universidade de Vigo, Espanha. Natural de Matosinhos, Porto, o percurso profissional até 2008 fica marcado especialmente no exercício do Design Industrial tendo desenvolvido projetos para variadas áreas da Indústria nacional, nomeadamente mobiliário (doméstico/urbano); objetos cerâmicos; equipamento de banho (sanitários,

acessórios e jacuzzi); design de espaços e decoração de interiores entre outras áreas de relevância similar. No contexto científico, o vínculo com a investigação e a exploração de conceitos sempre esteve presente desde o despertar para o Design. Após vários anos explorando temas relacionados com a sustentabilidade e no retorno social dentro do âmbito da produção artesanal e industrial; atualmente e a par da carreira docente universitária, o

meu percurso científico segue uma trajetória focada na relação interdisciplinar Artesão/Design e o seu enquadramento com os processos de produção e as constantes inovações tecnológicas que vão definindo as diretrizes da Indústria. Desta investigação já resultaram artigos científicos reconhecidos por algumas revistas científicas de relevância internacional.

*Born in Matosinhos, Porto, he is a graduate in Industrial Design from the University Lusíada do Porto and a PhD in Engineering Design and Production by the University of Vigo, Spain. His professional course until 2008 is dominated by the exercise of Industrial Design, having developed projects in various areas for the Portuguese national industry, namely furniture (domestic / urban); ceramic objects; bathroom*

*equipment (toilets, accessories and jacuzzi); design of spaces and decoration of interiors, among other areas of similar relevance. In the scientific context, the link with research and the exploration of concepts has always been present since his awakening to Design. After several years exploring topics related to sustainability and social return within the scope of artisanal and industrial production, his scientific career, alongside*

*the university teaching career, currently follows a path focused on the interdisciplinary relation between Crafts / Design and on its framework with the production processes and the constant technological innovations that define the Industry' guidelines. His research has already resulted in scientific articles recognized by some scientific journals of international relevance.*

## VIME VIVO LIVE WICKER



O vime pode ser entrelaçado enquanto planta viva e depois plantado para criar designs das mais variadas formas e volumes. A cabeça do Homem (conforme ilustração) forma-se agora na vila de Gonçalo.

The wicker can be woven as a living plant and then planted to create designs of the most varied shapes and volumes. The head of the Man (according to illustration) is now formed in Gonçalo village.



# MANUEL MIRANDA FERNANDES

ENGENHEIRO FLORESTAL FORESTRY ENGINEER

Engenheiro florestal e Mestre em desenvolvimento rural. Lecionou no ensino superior e foi bolsheiro de mestrado e de doutoramento pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Foi consultor técnico da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, do Centro Interdisciplinar de Investigação Marinha e Ambiental e do Instituto para a Conservação da Natureza e das Florestas. Colaborou na organização de cursos de etnobotânica realizados na Universidade de Trás-os-Montes e Alto

*Degree in forest engineering and MSc in rural development. Former assistant professor in higher education institutions and fellowship researcher by Fundação para a Ciência e a Tecnologia. He was external consultant at Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Centro Interdisciplinar de Investigação Marinha e Ambiental and Instituto para a Conservação da Natureza e das Florestas. He has collaborated in the organization of ethnobotanical courses at Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro and Fundação de Serralves. He was consultant of Calouste Gulbenkian Museum for the exhibition "The*

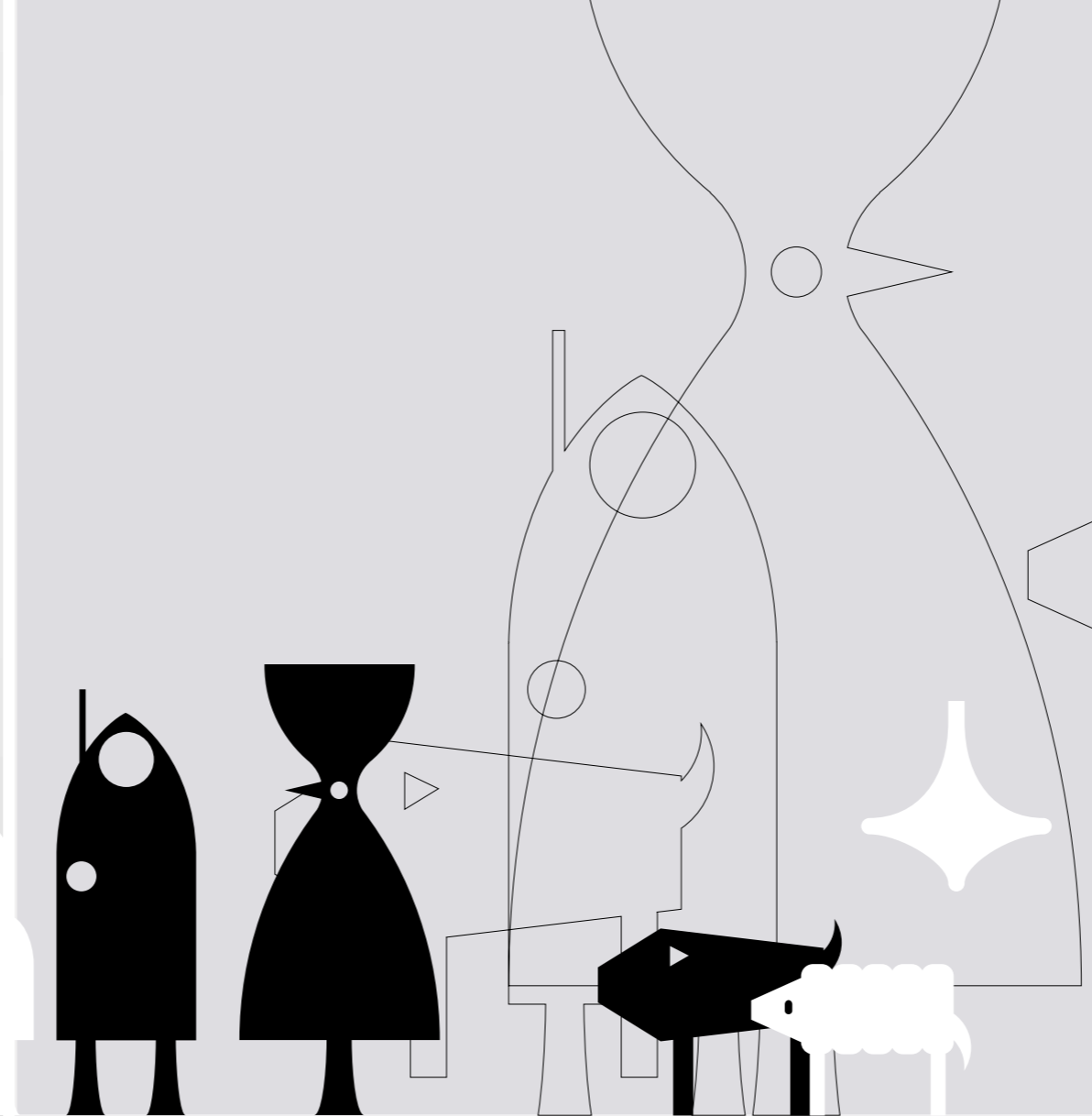
*Douro e na Fundação de Serralves. Foi consultor do Museu Calouste Gulbenkian na exposição "As flores do Imperador - Do bolbo ao tapete". Colaborou com a Monash University (Melbourne) num projeto do Australian Research Council. É investigador no Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território, onde desenvolve uma tese sobre a geografia histórica de acácias no sudoeste da Europa.*

*Emperor's flowers - From the bulb to the carpet". He has also collaborated with Monash University (Melbourne) on an Australian Research Council project. He is currently researcher at Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território, developing a thesis on the historical geography of acacias in southwest Europe.*

# ETNOBOTÂNICA ETHNOBOTANY



*Salix viminalis*



SOUVENIR  
GUARDA NINHOS



Nove figuras em madeira com apontamentos pictóricos feitos à mão. *Souvenirs* Guarda Ninhos que falam de personagens da vida comunitária de Gonçalo e da Serra da Estrela, em vias de extinção.

*Nine wooden figures with hand-made pictorial notes that speak of characters from the community life of Gonçalo and the Serra da Estrela mountain range, that are in the process of extinction.*

## PASTOR

Leva o rebanho mesmo nos invernos mais rigorosos e nos verões quentes e secos. A criação de ovinos é a sua principal fonte de recursos – carne, leite e lã, e a própria pele, quando morrem, não falando do estrume – muito valioso para a fertilização das terras.

## SHEPHERD

*Leads the flock even in the most rigorous winters and in the hot, dry summers. Sheep farming is their main resource – meat, milk and wool, and the skin itself, when the sheep die, not mentioning manure – a valuable element for land fertilization.*

## CÃO SERRA DA ESTRELA DOG

Tem as qualidades que o pastor gosta: é agreste, inteligente, leal e valente. Acompanha o pastor e o rebanho na transumância - deslocamento sazonal em busca de melhores pastagens - para os defender dos lobos e dos meliantes.

*A breed that possesses the qualities that the shepherd appreciates: rude, intelligent, loyal and brave. It accompanies the shepherd and the herd in the transhumance – seasonal displacement in search of better pastures – to protect them from the wolves and the rogue people.*



## OVELHA

É de raça "a churra". Pouco corpulenta, mas muito resistente ao clima da serra, é tosquiada uma vez em cada ano, entre os meses de maio e junho. Todos os dias, sai de manhã para o pasto e regressa ao cair da noite para a ordenha.

## SHEEP

*Of the 'churra' breed. Small bodied, but very resistant to the mountain climate, it is sheared once a year, between the months of May and June. Every day, he leaves in the morning for the pasture and returns at nightfall for milking.*



## QUEIJEIRA

Prepara sempre o leite da mesma ordenha para fazer o famoso queijo. Um ritual feito de forma tradicional, como há centenas de anos. Mulheres e filhas dos pastores, fazem o queijo de acordo com as técnicas que as suas antecessoras lhes legaram.



## CHEESEMAKER

*Always prepares milk from the same milking to make the famous Serra cheese. A ritual done in the traditional way, just like hundreds of years ago. The wives and daughters of the shepherds make the cheese according to the techniques that their predecessors have transmitted them.*



## INÊS YOUNG INÊS

Ajuda a fazer o queijo e está farta da serra, imune à beleza que a paisagem transpira. Tem corpo e idade para pensar em rapazes e passa horas ao telemóvel, escrevendo mensagens ao confidente. Sonha com o príncipe encantado que a leve para fora da serra.

*Helps to make the cheese and is tired of the mountain range, immune to the beauty that the landscape exudes. She is of age to think of boys and spends hours on her cell phone, writing messages to her confident. She dreams of the Prince Charming carrying her out of these mountains.*

## GALO

É o culpado por todos os insucessos e todos os problemas do ano e por isso vai ser julgado e queimado na Guarda. Um curioso ritual de purificação do entrudo, uma catarse colectiva que expurga as culpas individuais e colectivas, imputando ao galo a responsabilidade por todos os desmandos e acontecimentos grotescos acontecidos na localidade ao longo do ano: questões passionais, desvio de águas da rega, mudança de marcos divisórios das terras, desavenças vicinais, adultério.

## ROOSTER

*Is to blame for all the failures and all the problems of the year and so will be tried and burned in Guarda. A curious ritual of purification of the Entrudo, "a collective catharsis that purges individual and collective guilt, imputing to the Gallus the responsibility for all the grotesque events of the town throughout the year: passion quarrels, diversion of irrigation waters, displacement of landmarks, neighbour feuds, adultery .*



## CEREJEIRA

É uma árvore muito importante para esta região produtora. Autóctone, o seu nome botânico é *Prunus avium L.* e a sua ecologia são os bosques caducifólios, os barrancos e as margens de rios. Em locais frescos, com solos profundos.

## CHERRY TREE

*is a very important tree for this region. Autochthonous, its botanical name is Prunus avium L. and its ecology are deciduous forests, ravines and riverbanks. It grows in cool places with deep soils.*

## PSEUDOTSUGA

É uma árvore exótica de origem norte-americana cujo nome botânico é *Pseudotsuga menziesii*. Foram introduzidas na Serra da Estrela no final do séc. XIX, logo após a criação do perímetro florestal. São características do estilo de florestação moderna e das paisagens altas da Serra.

*Is an exotic tree of American origin whose botanical name is Pseudotsuga menziesii. They were introduced in the Serra da Estrela at the end of the nineteenth century, soon after the creation of the forest perimeter. They are characteristic of the modern forestry style and the high landscapes of the Serra da Estrela.*

## CESTEIRO BASKET MAKER

Possui “um conhecimento profundo dos matérias e das técnicas. Não sendo o único interveniente na criação e execução da obra, ele deve, no entanto, apreendê-la na sua totalidade. Acentuou-se, assim, o lugar fundamental do homem, do artífice, depositário duma rica herança, elo de uma cadeia de ilustres e inumeráveis antecessores, responsáveis de múltiplos testemunhos do engenho e criatividade humanas. Naquilo que hoje consideramos património, este artesão deixou a sua marca, fruto de uma ligação estreita entre o material e as suas características e a mão do homem, que lhe dá forma. Ele tem o seu lugar na sociedade moderna e pode muito bem ser charneira entre o passado e o devir, a memória e a individualidade com que o homem deseja ser tratado no futuro.”<sup>[1]</sup>

Pretende-se que estas ações sejam sustentáveis em todas as suas dimensões – por nascerem da realidade local podem ser ampliados a escalas globais. Ao futuro da Cestaria de Gonçalo.



*Has a thorough knowledge of the subjects and techniques. Far from being the sole intervener in the creation and execution of the work, however, it must nevertheless seize it in its entirety. This emphasized the fundamental place of the man, of the craftsman, the depositor of a rich inheritance, the main link of a chain of illustrious and innumerable predecessors, responsible for multiple testimonies of human ingenuity and creativity. This craftsman has left his mark in what we consider today as patrimony, the result of a close connection between the material and its characteristics and the hand of man, which gives it shape. He has a place in modern society and may well be the connection between the past and the future, the memory and the individuality that man desires to preserve in the future.”<sup>[1]</sup>*

*It is intended that these actions be sustainable in all their dimensions – because they were born of the local reality they can be extended to a global scale. To the future of Gonçalo Basketry.*

INSTITUTO DO EMPREGO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL – Artesanato da Região Norte [Catálogo]. Porto, 1996, p.319.



## CRÉDITOS CREDITS

Coordenação do projecto *Project coordination*: Sérgio Lemos

Design: Sergio Lemos e Darga crafts

Craft: Carla Cabral, Fernando Nelas, Hélder Saraiva e Sérgio Lemos

Artistas residentes *Resident artists*: Bruno Alexandre, Carla Cabral, Olinda Xavier e Manuel Miranda Fernandes

Ilustração *Illustration*: Carla Cabral e Sérgio Lemos

Financiamento *Finance*: ONEP - ON Inclusive Entrepreneur - ADM Estrela

Feiras de artesanato *Craft fairs*: Associação de artesãos da Serra da Estrela

Fotografia de campo *Field photo*: Filipe Rosa Gomes e Sérgio Lemos

Fotografia de estúdio *Studio photo*: Marco Gonçalves

Textos *Text*: Manuel Miranda Fernandes e Sérgio Lemos

Revisões e traduções *Reviews and translations*: José Costa Pinto

Design de comunicação *Communication design*: Maria João Lima e Gito Lima

ISBN 978-989-8805-51-5

## CONTACTOS CONTACTS

EMAIL [guardaninhos@gmail.com](mailto:guardaninhos@gmail.com)

INSTAGRAM [guarda\\_ninhos](https://www.instagram.com/guarda_ninhos)

FACEBOOK [www.facebook.com/guardaninhoscraftdesign](https://www.facebook.com/guardaninhoscraftdesign)

MANUEL MIRANDA FERNANDES

# O ETNO D E T N O F U B O T Â S N I C O

DA MATÉRIA-PRIMA USADA NA CESTARIA DE VIME EM GONÇALO (GUARDA)

1. INTRODUÇÃO.....	4
2. ASPETOS METODOLÓGICOS.....	4
3. ATIVIDADES REALIZADAS.....	5
3.1 SAÍDAS DE CAMPO.....	5
3.2 CONTACTOS E REUNIÕES.....	5
3.3 PESQUISA DOCUMENTAL.....	5
3.4 OUTRAS ATIVIDADES.....	5
4. DA CESTARIA E DO VIME.....	6
4.1 CESTARIA NA PENÍNSULA IBÉRICA.....	6
4.2 CESTARIA EM PORTUGAL.....	7
4.3 SALGUEIROS E VIMEIROS.....	9
5. DA CESTARIA DE VIME EM GONÇALO.....	15
5.1 CONTEXTO GEOGRÁFICO.....	15
5.2 A ATIVIDADE CESTEIRA EM GONÇALO.....	16
5.3 ENTREVISTAS AOS INFORMANTES.....	18
5.3.1 FERNANDO NELAS PEREIRA.....	18
5.3.2 HÉLDER SARAIVA.....	20
5.3.3 ARMANDO CARVALHINHO.....	20
5.4 AS ESPÉCIES DE VIME UTILIZADAS EM GONÇALO.....	21
SALIX FRAGILIS L.....	22
SALIX TRIANDRA L.....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS.....	24
AGRADECIMENTOS.....	25
CONTACTOS.....	25

# ESTUDO ETNOBOTÂNICO DA MATÉRIA-PRIMA USADA NA CESTARIA DE VIME EM GONÇALO (GUARDA)

MANUEL MIRANDA FERNANDES

## RESUMO

Apresentam-se neste relatório os resultados de um estudo etnobotânico preliminar sobre a cestaria em Gonçalo (Guarda), realizado no âmbito do projeto GUARDA NINHOS. Este estudo teve por objetivo efetuar um levantamento de conhecimentos e saberes sobre o modo de cultivo e processamento das matérias-primas vegetais, nomeadamente das espécies de *Salix* (salgueiros e vimeiros) usadas em cestaria. Foram realizadas saídas de campo a Gonçalo, entre agosto de 2018 e fevereiro de 2019, estabelecidos contactos com cesteiros, visitados os locais de produção de vime, as oficinas de cestaria, e foi efetuada colheita de material vegetal para herbário. Foram estabelecidos contactos complementares com investigadores/as e artesãos, e realizada uma pesquisa documental sobre cestaria, procurando identificar fontes de informação relevantes.

Os elementos recolhidos permitiram esboçar uma abordagem sobre a cestaria e o vime na Península Ibérica e em Portugal, e caracterizar as principais espécies de *Salix* utilizadas, salientando os aspetos problemáticos da sua identificação. Caracterizou-se sumariamente o contexto geográfico e a atividade cesteira em Gonçalo, apresentando os resultados das entrevistas realizadas aos informantes (cesteiros) e a identificação preliminar do material vegetal colhido. A partir da informação recolhida, apresentam-se tópicos para o aprofundamento deste estudo, destacando a importância da criação de novas linhas de design para a revitalização desta atividade artesanal. Espera-se que a continuidade deste estudo, em articulação com a rede de instituições do território e com os artesãos cesteiros, protagonistas desta atividade, possa contribuir para que a cestaria em Gonçalo preserve a sua memória de forma fecunda.

## ABSTRACT

*This report is the result of a preliminary ethnobotanical study on basketry in Gonçalo (Guarda), a community in the interior center of Portugal, carried out under the project GUARDA NINHOS. Between August 2018 and February 2019, we conducted fieldwork in Gonçalo and surveyed the local knowledge on the cultivation and processing of raw materials, namely the Salix species (willows) used in basketwork. We established contacts with craftsmen, visited willow production sites and basketwork workshops, and collected plant material for herbarium. Additional contacts were established with researchers and other craftsmen, and documentary research was carried out to identify relevant sources of information on basketwork.*

*As a result, we outlined an approach on basketry in the Iberian Peninsula and Portugal, and characterized the main Salix species used, highlighting the problematic aspects of their identification. We briefly characterized the local geographic context and the basket production in Gonçalo, presenting the results of interviews with local informants, as well as the preliminary identification of the collected plant material. A few topics are presented for further study, highlighting the importance of new design lines for the local revitalization of basketry. The continuity of this study requires an articulation with the network of local institutions and with the basketwork craftsmen and craftswomen, thus contributing to preserve the memory of this ancient activity in an auspicious way.*

# 1. INTRODUÇÃO

Na sequência do contacto estabelecido em julho de 2018 pelo designer Sérgio Lemos, foi-nos proposta uma colaboração com o projeto GUARDA NINHOS – craft & design, o qual visa estimular a atividade cesteira na freguesia de Gonçalo, no concelho da Guarda. Este projeto tem vindo a desenvolver novas linhas de design em cestaria, como meio de valorização do património cultural e dos recursos endógenos da região, sendo enquadrado pelo projeto ONEP – On Inclusive Entrepreneur / Empreendedorismo Inclusivo: Oportunidade e negócio de âmbito transfronteiriço, financiado pelo Programa INTERREG V-A Espanha Portugal (POCTEP) 2014-2020. A entidade de ligação com este projeto, a ADM Estrela – Associação Social e Desenvolvimento, identificou os produtos tradicionais, nomeadamente a cestaria de Gonçalo, como um “motor económico do território”.

Em agosto de 2018 apresentámos a proposta de um estudo etnobotânico preliminar sobre a matéria-prima usada na cestaria de vime em Gonçalo, que seria aprovado em 4-09-2018. Os objetivos deste estudo são os seguintes:

- Efetuar o levantamento das espécies de vimeiro e de salgueiro (*Salix* spp.) usadas como matéria-prima na cestaria de vime em Gonçalo (Guarda), em termos botânicos e fitogeográficos.
- Efetuar o registo preliminar de conhecimentos e saberes relativos ao modo de cultivo e processamento das matérias-primas vegetais usadas em cestaria.

Face à calendarização do projeto GUARDA NINHOS, foi estabelecido como término desta colaboração o final de fevereiro de 2019; o tempo útil para este estudo preliminar foi de cerca de um mês, ainda que tenha sido possível distribuí-lo ao longo de vários meses, em regime “part-time”. O principal desígnio deste trabalho consistiu em sinalizar informantes e inventariar elementos informativos, visando um futuro desenvolvimento desta linha de investigação. Tendo presentes os objetivos do futuro Centro Para a Promoção e Valorização da Cestaria de Gonçalo, cuja criação foi recomendada pela Resolução da Assembleia da República n.º 82/2018, aprovada em 2 de fevereiro de 2018, esperamos que o trabalho agora iniciado possa ser adequadamente desenvolvido, através da rede de instituições locais, como um contributo para a revitalização da atividade cesteira na região.

# 2. ASPETOS METODOLÓGICOS

A metodologia seguida neste estudo preliminar consistiu nas seguintes etapas:

- Reconhecimento prévio da freguesia de Gonçalo e estabelecimento de contactos com informantes, dando prioridade aos cesteiros envolvidos no projeto GUARDA NINHOS;
- Realização de entrevistas para obtenção de informações sobre o material vegetal utilizado (vime e verga), sua identificação vernacular, método de cultivo e processamento;
- Colheita e identificação botânica do material vegetal utilizado em cestaria;
- Contactos com investigadores sobre cestaria e com instituições relacionadas com o tema;
- Pesquisa de informação bibliográfica e iconográfica.

Apresentamos em seguida uma resenha das atividades realizadas e os resultados obtidos.

# 3. ATIVIDADES REALIZADAS

## 3.1 SAÍDAS DE CAMPO

Foram realizadas três saídas de campo a Gonçalo, em 31-08-2018, 21-12-2018 e 15-02-2019, para reconhecimento do território e contacto e entrevistas com os cesteiros. Foram visitados os locais de produção de vime e as oficinas de cestaria, e foi efetuada colheita de material vegetal, para posterior análise.

## 3.2 CONTACTOS E REUNIÕES

Foi estabelecido contacto, por via telefónica e por email, com a Dr.ª Ana Pires, geógrafa aposentada, que exerceu funções na Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional da Região Centro e estudou a cestaria de Gonçalo; foi igualmente contactada a Prof.ª Teresa Soeiro, professora associada da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, que estudou a cestaria de madeira, com quem reunimos em 5-11-2018. Foram estabelecidos contactos com Sérgio Caetano e Helena Caetano, membros da Associação S.O.S. Rio Paiva, a propósito do levantamento dos artesãos do vale do Paiva efetuado em 2014, e com Carlos Fontales, autor do livro *Cestería de los pueblos de Galicia*. Adicionalmente, contactámos com

os cesteiros presentes na XXIV Feira da Terra, em São Torcato (Guimarães), e na 41.ª edição da Feira Nacional de Artesanato, em Vila do Conde, em julho de 2018. Em 15-02-2019 participamos na reunião realizada com o designer Sérgio Lemos e elementos da ADM Estrela sobre o projeto GUARDA NINHOS, e na “conversa de café” organizada pela Comissão Executiva da Candidatura da Guarda a Capital Europeia da Cultura 2027 e pela Câmara Municipal da Guarda, no café concerto do Teatro Municipal da Guarda, com o tema “Design e produtos endógenos: da tradição à inovação”, na qual foi apresentado o projeto GUARDA NINHOS.

## 3.3 PESQUISA DOCUMENTAL

Foi estabelecido contacto em 5-09-2018 com a Mediateca do Instituto do Emprego e da Formação Profissional, para aquisição do catálogo da FIA 2013 Idades entrelaçadas – *Formas e memórias das artes de trabalhar fibras vegetais* e, em 9-09-2018, com o Museu Nacional de Etnologia, para obter informação sobre a cestaria de vime em Portugal. Em 28-12-2018 foi contactada a Biblioteca Municipal Eduardo Lourenço, na Guarda, para aquisição da obra *Cestos com asas*. Foi efetuada pesquisa

bibliográfica presencial na Biblioteca Pública Municipal do Porto, na biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, na biblioteca da Sociedade Martins Sarmento, em Guimarães, e na Biblioteca Municipal de Vila Nova de Gaia. Foi ainda efetuada pesquisa bibliográfica online em repositórios digitais, procurando identificar fontes de informação pertinentes para este estudo.

## 3.4 OUTRAS ATIVIDADES

Foi estabelecido contacto com a Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema e com o Arquivo da RTP, em 14-01-2019, para visualização do filme “A cooperativa cesteira de Gonçalo”, realizado em 1975 por António de Macedo. Na sequência de uma proposta que nos foi enviada pela Cinemateca Portuguesa, tendo em vista a preservação deste filme documental, foi contactada em 18-02-2019 a Dr.ª Dulce Helena Borges, coordenadora da Biblioteca Municipal Eduardo Lourenço, para apreciação e encaminhamento da mesma. Foram também estabelecidos contactos com Joaquim Pinheiro, um dos organizadores da Contextile – Bienal de arte têxtil contemporânea, para apresentação do projeto GUARDA NINHOS.

# 4. DA CESTARIA E DO VIME

## 4.1 CESTARIA NA PENÍNSULA IBÉRICA

A cestaria, nas suas múltiplas expressões, é uma atividade de origem antiga, transversal a vários contextos socioculturais, baseada na transformação de diversas matérias vegetais em artefactos necessários à organização das tarefas do quotidiano; é praticada por artesãos cuja aprendizagem é feita geralmente em contexto familiar ou ofical. Para abordar alguns tópicos elementares sobre esta atividade na Península Ibérica, tomamos como referência central a obra de Bignia Kuoni, antropóloga de origem suíça que realizou uma extensa recolha de dados e materiais sobre cestaria ibérica durante dois anos (Kuoni 1981: 10), de que destacamos os seguintes aspetos:

– a cestaria é uma das primeiras indústrias das comunidades humanas, possivelmente anterior à olaria e à tecelagem, iniciada com a utilização de fibras vegetais em tarefas elementares, vinculando-se ao “processo inicial de emancipação da estirpe humana” como “primeira manifestação e fundamento da atividade inteligente do homo faber” (Kuoni 1981: 9; tradução nossa);

– se tomada em sentido estrito como a produção de “cestos”, a cestaria é apenas uma das facetas da produção de artefactos através do entrelaçamento de fibras vegetais, que compreende uma ampla variedade de formas e de matérias-primas, em consonância com os recursos vegetais disponíveis e as técnicas utilizadas;

– os artefactos produzidos pela atividade cestaria são de difícil conservação a longo prazo, dado serem formados por materiais orgânicos perecíveis; em particular, a sua exumação em locais de interesse arqueológico só raramente é possível, o que limita o estudo da cestaria na longa duração;

– não obstante o seu especial interesse, os objetos de cestaria estão pouco representados em coleções etnológicas, sendo escassos os trabalhos de investigação dedicados a esta atividade, comparativamente a outras manifestações de cultura material, uma lacuna para a qual não parece fácil encontrar uma explicação satisfatória.

Na sua obra, Bignia Kuoni aborda as origens da cestaria, remontando às representações de cestos na arte rupestre ibérica, aflorando o caso específico da cestaria no Al-Andalus, e

salientando a importância das manifestações artísticas como fonte de dados para o seu estudo. Aborda, em seguida, o contexto ambiental ibérico e as respetivas culturas vegetais, distinguindo os seguintes tipos de cestaria:

- cestaria em madeira (dura e angulosa) e em esparto (branda e maleável), tipos que representam a polarização entre o norte e o sul peninsular, ou seja, entre os bioclimas atlântico (a humidade do norte) e mediterrânico (a aridez do sul);
- cestaria em palha, transversal a toda a Península Ibérica, mas predominante nos planaltos cerealíferos da Meseta, embora se encontre em acentuada regressão, sendo “excepcionais os poucos lugares onde ainda se mantém viva” (Kuoni 1981: 56);
- cestaria elaborada com salgueiros, vimeiros, canas, juncos, junças, tabúas e adelfeiras, entre outros recursos vegetais, plantas que estabelecem a transição entre ambientes húmidos e ambientes secos, acompanhando cursos de água e ocorrendo noutros locais húmidos.

O essencial da sua obra é dedicado à descrição dos materiais e das suas formas, em seis capítulos que abrangem, respetivamente, o

“mundo perdido” da palha, as rotas da madeira (com particular referência a Portugal), a cultura do esparto, as palmeiras, o vime e outras vergas (oliveira, adelfeira e tamargueira), e as canas, juncos e tabúas (com especial referências às croças de junco portuguesas). A secção final da obra esboça uma tipologia das fibras entrelaçadas, no que respeita às técnicas da cestaria peninsular, aos artesãos, ao seu trabalho, e ao uso, função e representação dos objetos produzidos.

No capítulo dedicado ao vime, Bignia Kuoni menciona as principais espécies cultivadas, a técnica de cultivo e os tipos de vime produzidos, e aspetos da comercialização e mercado do vime. Refere algumas variedades de vimeiro introduzidas na Península Ibérica, as principais zonas de cultivo, a triagem e processamento das varas de vime, as máquinas e ferramentas usadas pelos cesteiros, e aspetos da técnica de execução de peças de vime. Destaca a aldeia de Gonçalo, onde se encontram “alguns dos melhores cesteiros de ofício que trabalham em cooperativas e oficinas, produzindo géneros de vime da mais variada gama que distribuem por todo Portugal e também exportam” (Kuoni 1981: 225).

Uma outra referência a tomar em consideração é a obra de Maurice Bichard, especialista inglês em pecuária, mas com particular interesse

pela cestaria e pelo seu contexto social, que apresenta na sua obra *Baskets in Europe* uma panorâmica da cestaria europeia, dedicando um capítulo a Espanha e Portugal (Bichard 2008: 119-134). Segundo este autor, na Península Ibérica os salgueiros têm menor expressão do que em países mais pluviosos, mas a variedade de espécies silvestres usadas em cestaria nalgumas áreas ibéricas é maior do que no norte da Europa, com uma ampla gama de cores e texturas. Bichard considera a cultura de vime centrada em Cuenca, município espanhol da comunidade de Castilla-La Mancha, favorecida pelas condições mesológicas e pela altitude, o que permite a obtenção de varas de boa qualidade.

Outros estudos realizados na Península Ibérica, de índole regional, podem ser mencionados, como os de Maria Elisa Sánchez Sanz, dedicado à cestaria de Aragão (Sánchez Sanz 1994), de Mercedes Soto Melgar, sobre aspetos linguísticos e etnográficos da cestaria em Granada (Soto Melgar 2015), e de Carlos Fontales, sobre a cestaria galega (Fontales 2005), cuja análise poderá ser feita em etapas futuras deste trabalho de investigação, para melhor contextualização da cestaria de vime na Península Ibérica.

## 4.2 CESTARIA EM PORTUGAL

Na edição da Feira Internacional do Artesanato de 2013, realizada em Lisboa, dedicada à cestaria, foi apresentado o catálogo *Idades Entrelaçadas* (IEFP 2013), que reúne uma dezena de textos sobre os vários tipos de cestaria em Portugal, de diversos autores, constituindo, possivelmente, a fonte de informação mais atualizada para caracterizar esta atividade artesanal. Nele se aborda a cestaria de madeira rachada no norte de Portugal (pp. 5-15), a cestaria de vime em Gonçalo (pp. 17-31), a obra de vimes na Madeira (pp. 33-39), a cestaria de junça, esparto e baracejo (pp. 41-47), as croças de junco na região do Barroso (pp. 49-53), as esteiras de bunho e junco (pp. 55-63), a cestaria de bunho (pp. 65-75), as tranças de palha (pp. 77-89), a empreita de palma e a cestaria de esparto e cana no Algarve (pp. 91-105), e os entranchados com folha de palmeira em Porto Santo e na Madeira (pp. 107-115); inclui também um diretório dos artesãos credenciados, com os respetivos contactos (pp. 125-203). Na introdução do catálogo (p. 3), são mencionadas algumas das causas do declínio do setor da cestaria em Portugal: a concorrência de produtos similares, frequentemente de origem asiática, importados a baixo preço; a perda do valor de uso dos

artefactos de cestaria, devido a mudanças ocorridas nas atividades rurais; e o envelhecimento da generalidade dos artesãos. Contudo, são também identificadas oportunidades, nomeadamente projetos de inovação que, aliando os saberes dos artesãos a novas formas de design, resultem em produtos diferenciados, de criação contemporânea, contribuindo para uma revitalização deste setor.

Se pretendermos abordar a evolução recente da cestaria em Portugal, deparamo-nos com um conjunto reduzido de trabalhos, embora significativos, publicados desde a década de 1950, entre os quais se destaca a dissertação de licenciatura de Maria Helena Santos Silva, que aborda aspetos da história do cesto e da sua representação na arte, as técnicas e indústrias cesteiras, as diversas utilizações dos cestos, os aspetos linguísticos e filológicos dos nomes dos cestos, e aspetos folclóricos do cesto em Portugal (Silva 1958-1959, 1960). Iguualmente se destacam os estudos do etnólogo Fernando Galhano, quer sobre a cestaria fina em Portugal (Galhano 1960), atribuindo ao concelho da Guarda, sobretudo à freguesia de Gonçalo, a origem comum dos cesteiros que se dedicam a este tipo de cestaria; quer sobre cestaria e esteiraria (Galhano [1960]), oferecendo uma panorâmica desta atividade em Portugal; quer ainda estudos de índole regional, como

a cestaria de Entre Douro e Minho (Galhano 1961-1962). Em coautoria com Ernesto Veiga de Oliveira e Benjamim Pereira, viria a publicar, em 1977, uma síntese sobre a cestaria em Portugal, incluída na obra *Alfaia agrícola portuguesa*, num momento em que se registavam já alterações importantes ao uso de cestos, com a sua substituição por recipientes de plástico para diversas tarefas (Oliveira et al. 1995).

A este conjunto de trabalhos segue-se um profundo silêncio, que durou algumas décadas, refletindo, possivelmente, o declínio da atividade cesteira, cuja desaparecimento em Portugal foi completa em muitos locais. Dos contributos publicados mais recentemente, tem especial interesse o catálogo da exposição “Cestos com Asas”, realizada em 2003 na Guarda, que integra um texto da geógrafa Ana Pires sobre a cestaria de Gonçalo, no qual é caracterizada sumariamente esta atividade e os artesãos que a praticam (Pires 2003). Este texto seria retomado pela autora no catálogo *Idades Entrelaçadas*, acima mencionado, permitindo efetuar uma análise da atividade cesteira em Gonçalo entre 2003 e 2013. São estas, aliás, as fontes de informação mais desenvolvidas de que dispomos sobre a cestaria nesta freguesia. Um outro estudo, de âmbito etnobotânico, foi realizado por Ana Maria Carvalho e colaboradores no Parque Natural de Montesinho

(Carvalho et al. 2006), tendo por objetivo identificar as espécies vegetais, as técnicas usadas e o contexto social da cestaria nas comunidades rurais desta região. Foram identificadas 28 espécies vegetais, entre as quais três espécies de salgueiro (*Salix atrocinerea*, *S. neotricha* / *S. fragilis* e *S. salviifolia*) e duas espécies de giestas (*Cytisus multiflorus* e *Genista florida*), utilizadas em cestaria fina.

Um estudo sobre a cestaria tradicional em Penafiel, realizado pela docente e investigadora Teresa Soeiro, aborda a cestaria de madeira rachada através da linhagem de cesteiros de Peroselo, e identifica cesteiros e canastreiros de outras localidades de Penafiel, ao longo do último século e meio; este estudo aborda igualmente os açafates e outros artigos de cestaria fina, trabalho essencialmente feminino, cuja matéria-prima são varas finas de salgueiro e vimeiro; e menciona outros trabalhos de cestaria, como as sebes de carros de bois e os covos utilizados na pesca fluvial (Soeiro 2008-2009). Refira-se ainda a dissertação de mestrado de Filipa Dias de Sousa, sobre a intervenção do design na atividade cesteira em Portugal (Sousa 2010). Analisando o caso da cestaria de madeira rachada no Entre Douro e Minho, esta dissertação propõe uma revitalização da atividade cesteira através do design, aproximando a cestaria tradicional e o mercado

contemporâneo, através da criação de novas linhas de produtos. O trabalho inclui uma descrição sumária das operações de cultivo, apanha e preparação de vime, e das técnicas têxteis utilizadas, abordando, entre os casos de estudo, os açafates de vime em Penafiel e a cestaria de Gonçalo. De caráter distinto é o trabalho do investigador em azulejaria José Luis Mingote Calderón, que analisou a representação iconográfica de cestos em azulejos portugueses da primeira metade do século XX (Mingote Calderón 2014). Nesta análise iconográfica, os cestos surgem no contexto de cenas de trabalho rural, em painéis de azulejo localizados, sobretudo, em estações ferroviárias e mercados municipais, entre outros locais. Os cestos integram cenas como o cultivo da vinha, a apanha da azeitona, o cultivo de cereais, a colheita de algas marinhas e outras situações. São o testemunho iconográfico de um contexto de utilização de recipientes executados com fibras vegetais, que seria drasticamente alterado na segunda metade do século XX.

Em síntese, ao longo do período analisado, encontramos alguns estudos significativos sobre a cestaria em Portugal, embora sejam escassos os trabalhos dedicados à cestaria de vime. A importância que Gonçalo assume como centro difusor deste tipo de cestaria, no âmbito nacional, torna necessário um estudo mais aprofundado,

ainda por realizar. Será igualmente pertinente abordar as relações desta freguesia com a atividade cesteira na ilha da Madeira, nomeadamente na Camacha, dadas as ligações existentes entre ambos os centros produtores.

### 4.3 SALGUEIROS E VIMEIROS

A matéria-prima utilizada na cestaria fina tem origem em plantas vulgarmente conhecidas por salgueiros e vimeiros, pertencentes ao género botânico *Salix*, que tipifica a família *Salicaceae* (Salicáceas). “Salgueiro” é a designação comum destas plantas, quando espontâneas, frequentes nas margens de cursos de água, e “vimeiro” designa as plantas cultivadas especificamente para cestaria, como *Salix viminalis* L (fig.2, pág. 14). Ocasionalmente são usadas outras espécies vegetais em cestaria fina, como a giesta-piorna<sup>[1]</sup>, de que se fazem as cestas de Frende, em Baião, no norte de Portugal (Ferreira & Vaz 2014). Dos caules de salgueiros e vimeiros são extraídas varas flexíveis, genericamente designadas vime. O uso destas plantas em cestaria remonta à Pré-História, sendo testemunhado por raros

[1] Embora Ferreira & Vaz (2014) tenham identificado a giesta-piorna como *Cytisus scoparius* L., é possível que se trate de *Genista florida* L., leguminosa arbustiva que ocorre nas serras da Gralheira e do Montemuro, onde é recolhida a matéria-prima para as cestas de Frende.

materiais exumados em escavações arqueológicas, podendo referir-se os restos de entrançados vegetais de Cueva del Moro, próximo de Alins del Monte, Huesca (Espanha), estudados por Rodanés Vicente & Alcolea Gracia (2017). Os fragmentos encontrados contêm diferentes elementos vegetais, principalmente fibras de *Salix* sp., pertencendo a um recipiente executado com a técnica em espiral; a datação por radiocarbono situa-o no final do Bronze Pleno (Cal BP 3480 a 3375). O uso de salgueiros e vimeiros em cestaria é igualmente mencionado em fontes textuais clássicas, como a *Historia das Plantas*, de Teofrasto (Sousa e Silva & Paiva 2016: 152), a *Historia Natural* de Plínio e as obras agrárias de Columela, Catão e Varrão (Cullin-Mingaud 2010).

As características morfológicas mais evidentes, comuns a todas as espécies de salgueiros e vimeiros, são as seguintes (Blanco 1993):

- São árvores ou arbustos, com ramos geralmente flexíveis;
- São plantas dioicas, apresentando pés masculinos e pés femininos;
- A forma das folhas é variável de espécie para espécie, dispondo-se geralmente de forma alternada ao longo dos caules;
- As flores formam inflorescências compactas (amentilhos), eretas, sendo polinizadas por insetos;

— Quando maduras, as sementes libertam-se com um tufo de pelos, que facilita a sua dispersão aérea.

Salgueiros e vimeiros são plantas presentes em toda a Europa, ocorrendo em diversos tipos de habitats, desde margens de cursos de água a depressões dunares. Na Flora Europaea registam-se 70 espécies de *Salix*, quer de origem nativa, quer de origem exótica, a que crescem diversos híbridos de origem incerta (Rechinger 1964). A área de distribuição natural de algumas espécies ‘europeias’, como *Salix pentandra* L. e *S. reticulata* L., pode englobar a América do Norte. A nível internacional, regista-se uma diversidade elevada de cultivares de *Salix*; uma lista de trabalho, preparada sob a égide da FAO, contém 854 cultivares, constituindo uma base para a uniformização nomenclatural e para que novas cultivares sejam registadas com nomes inéditos (Kuzovkina 2015). Na Península Ibérica é reconhecida a ocorrência de 24 espécies de *Salix*, admitindo-se a existência de um conjunto de 40 formas de génese híbrida (Blanco 1993). Numa síntese sobre o conhecimento taxonómico do género *Salix* em Portugal Continental, Portela-Pereira et al. (2013) desenvolveram uma chave dicotómica para a identificação de 57 táxones (espécies, subespécies, variedades e híbridos),

considerando a ocorrência de 12 espécies nativas, 5 espécies exóticas e as restantes resultantes de hibridação.

A identificação botânica de espécies de *Salix* apresenta dificuldades consideráveis, que advêm da sua extraordinária variabilidade morfológica, da impossibilidade de observar numa mesma planta, em simultâneo, todos os caracteres foliares e florais necessários para uma identificação segura, e da frequência de híbridos espontâneos (Blanco 1993). Não surpreende, portanto, que nos estudos sobre cestaria de vime a identificação da matéria-prima seja frequentemente omitida, limitando-se ao género destas plantas.

Na pesquisa realizada sobre esta questão, deparamo-nos com uma obra do horticultor oitocentista francês Alphonse Du Breuil (1875) sobre árvores e arbustos de interesse económico, que dedica um capítulo aos vimeiros, identificando as espécies então utilizadas na cestaria de vime em França: *Salix viminalis* L. (“osier viminal”), *S. fragilis* L. (“osier fragile”), *S. alba* L. var. *vitellina* (L.) Stokes (“osier jaune”) e *S. triandra* L. (“osier brun”), a que crescem duas espécies de identificação problemática, “*S. rubra* Sm.” (“osier rouge”) e “*S. monandra* Hoff.” (“osier pourpre”), possivelmente correspondentes a *S. x rubra* Huds. e a *S. purpurea* L., segundo os critérios nomenclaturais mais recentes.

Na Península Ibérica, o trabalho de Bignia Kuoni, já mencionado, identifica sumariamente as espécies de vimeiros cultivados e salgueiros espontâneos utilizadas em cestaria (Kuoni 1981: 203-204). Entre os vimeiros, são referidos *Salix viminalis* L. e *S. fragilis* L., cultivados em margens de cursos de água ou outras faixas de terreno (vimiais ou vimieiros), com troncos nodosos ou reduzidos a uma cepa (talhadia de cabeça), donde brotam radialmente ramos flexíveis (varas de vime); *Salix viminalis* é considerado pouco frequente na Península Ibérica, produzindo vime cinza-amarelado, sendo mais usual *Salix fragilis*, que produz vime púrpura escuro. Dos salgueiros espontâneos, são mencionados *Salix eleagnos* Scop., que apenas ocorre em Espanha; *Salix triandra* L. e *Salix purpurea* L., empregues em cestaria de vime; e *Salix alba* L. e *Salix caprea* L., usados em cestaria de madeira rachada. São ainda mencionados *Salix pedicellata* Desf., que ocorre na metade meridional da península, mas não em Portugal, e a cultivar ‘Mackey Willow’, importada da Alemanha, conhecida em Espanha por “mimbre americano”, cuja identidade botânica não conseguimos apurar.

No tratamento taxonómico do género *Salix* publicado na Flora Iberica (Blanco 1993), incluem-se notas sobre o cultivo de algumas espécies na Península Ibérica, nomeadamente

*Salix triandra* L., considerada uma das espécies mais utilizadas em cestaria e com maior importância comercial, cujos caules se utilizam descascados em fresco (vime branco) ou após cozedura (“buff”). Outras espécies mencionadas pelo seu uso em cestaria são *Salix alba* L., com duas variedades, var. *alba* e var. *vitellina* (L.) Ser., para “trabalhos bastos” de cestaria; *Salix fragilis* L., considerada uma das espécies mais utilizadas, cujos vimes são obtidos por podas repetidas anualmente; *Salix purpurea* L., que produz ramos muito delgados, de grande qualidade, para cestaria fina e complexa; e *Salix viminalis* L., frequentemente cultivado, produzindo vimes direitos, compridos e muito flexíveis. A este conjunto acrescenta-se *Salix eriocephala* Michx., de origem norte-americana, introduzido em plantações na Península Ibérica. Como se constata, não há uma correspondência exata destas informações com as da obra de Bignia Kuoni, o que evidencia a necessidade de articular os dados da etnografia com os da taxonomia vegetal para identificar com rigor as espécies de *Salix* usadas na cestaria ibérica. Em Portugal, a obra mais antiga que consultamos sobre esta questão foi a *Flora Lusitanica* de Felix Avelar Brotero (1804), na qual se identificam duas espécies cultivadas de *Salix*, presumivelmente para cestaria, o vimeiro-ordinário, sob

a designação “*Salix vitellina?* L.”<sup>[2]</sup>, e o vimeiro-do-norte ou vimeiro-francês, *Salix viminalis* L.; estas mesmas espécies seriam mencionadas no *Curso de Silvicultura* de António Xavier Pereira Coutinho (1887). Informações um pouco mais explícitas são apresentadas em *Dendrologia Florestal*, de João do Amaral Franco (1943), um dos trabalhos iniciais deste autor, que transcreve informações do *Dicionário de Plantas Úteis* de von Mueller (1905). Menciona várias espécies cultivadas, nomeadamente *Salix amygdalina* L. (= *S. triandra* L.), “salgueiro com folhas de amendoeira”, usado na confeção de cestos, cultivado em plantações com 6000 pés/ha, exploradas a partir do 2.º ano, por um período de 15-25 anos, sendo o maior produto obtido a partir do 5.º ano; *Salix fragilis* L. var. *decipiens* (Hoff.) Koch, vimeiro vermelho ou vimeiro brózio, considerado uma espécie híbrida (atualmente designada *S. x alopecuroides* Tausch ex Opis); *Salix alba* L., salgueiro-branco ou sincero, cujas varas se utilizam em obras de verga como cestos e grades, com uma variedade (var. *vitellina* (L.) Ser.) que produz ramos amarelos, vulgarmente designada vimeiro-amarelo; *Salix purpurea* L., salgueiro-de-casca-roxa, com longos ramos que fornecem material de boa qualidade para confeção de cestos, ca-

[2] Segundo Portela-Pereira et al. (2013), esta designação poderá corresponder ao híbrido *S. x alopecuroides* Tausch ex Opis.

deiras e arcos de vasilhame; finalmente, *Salix viminalis* L., com várias designações vulgares (vimeiro-do-norte, vimeiro-francês, vimeiro-branco, vima, vimeiro-fêmea, salgueiro-francês), cujos ramos são considerados melhores que os das restantes espécies para fabrico de cestos, vencilhos, etc., quer com casca, quer descascados.

Não encontramos trabalhos mais recentes que abordem a identidade botânica dos vimeiros e salgueiros usados em cestaria em Portugal. A bibliografia consultada sugere que nunca terá sido realizado um estudo aprofundado destas espécies de *Salix*, seja através de características morfológicas externas, da anatomia da madeira ou de métodos citogenéticos. De forma preliminar, sintetizamos na Tabela 1 (ver página 16) os dados recolhidos até ao momento sobre esta questão.

Como apontamento final, podemos referir outras utilizações dos salgueiros e vimeiros, para além da cestaria. Um exemplo clássico é o uso medicinal da casca de diversas espécies de *Salix*, rica em salicina, como analgésico e anti-pirético; este uso, conhecido desde a Antiguidade, esteve na base da descoberta da aspirina (ácido acetilsalicílico), em 1897, que se tornaria o fármaco mais utilizado no mundo (Desborough & Keeling 2017). Outras utilizações de *Salix* spp. no contexto europeu foram



**FIGURA 1**  
 Texto página 20  
 Cartaz do "Festival da Cestaria de Gonçalo".  
 Fonte: <https://beira.pt/>

**FIGURA 2** ▶  
 Texto página 11  
 Litogravura do vimeiro, *Salix viminalis* L., com detalhes morfológicos florais.  
 Fonte: Sturm (1809).



Lám. 131. — *Salix fragilis*. a-f) Raseafria, Madrid (MA 239730); g-j) Madrigalejo, Cáceres (MA 250977); a) rama con hojas; b) detalle foliar; c) ramita con amentos masculinos; d) amento masculino sobre pedúnculo con bráctea foliácea; e) bráctea floral; f) flor masculina; g) amento femenino sobre pedúnculo con bráctea foliácea; h) flor femenina; i) cápsula madura; j) semilla.

◀ **FIGURA 3**  
 Texto página 24  
*Salix fragilis* L. Ilustração de E. Sierra Rafals in Blanco (1993: 490)

**FIGURA 4**  
 Texto página 24  
*Salix triandra* L. Litografia baseada em ilustração de J. Salinas in Laguna (1884: lám.º 20).



objeto de uma revisão recente (Pučka & Lazdiņa 2013), incluindo-se entre estas a produção de biomassa, como fonte energética renovável; a restauração ecológica de áreas degradadas (pedreiras e bermas rodoviárias); a fitorremediação e a melhoria da qualidade da água superficial; a descontaminação de solos poluídos com radionuclídeos e metais pesados; projetos de bioengenharia, para formação de estruturas vivas contra a erosão eólica e hídrica, e a reabilitação de áreas ribeirinhas; projetos de paisagismo; e outros usos, como a produção de pasta de papel. Em Portugal, tem especial interesse o uso de vime como regenerador dunar, em projetos de recuperação de sistemas dunares litorais, de que é exemplo o sistema Guincho-Cresmina, em Cascais (Silva et al. 2016).

TABELA 1

NOME BOTÂNICO	NOMES VULGARES PORTUGUESES	PORTUGAL	ESPAÑA	FRANÇA
<i>Salix</i> 'Mackey Willow'	–		X	
<i>Salix alba</i> L. var. <i>alba</i>	Salgueiro-branco sinceiro	X	X	
<i>Salix alba</i> L. var. <i>vitellina</i> (L.) Ser.	Vimeiro-amarelo	X		X
<i>Salix caprea</i> L.	–		X	
<i>Salix eleagnos</i> Scop.	–		X	
<i>Salix eriocephala</i> Michx.	–		X	
<i>Salix fragilis</i> L.	Vimeiro, vimeiro-vermelho, vimeiro-brózio	X	X	X
<i>Salix pedicellata</i> Desf.	–		X	
<i>Salix purpurea</i> L.	Vime-vermelho, salgueiro-de-casca-roxa	X	X	X
<i>Salix triandra</i> L.	Salgueiro-com-folhas- -de-amendoeira	X	X	X
<i>Salix viminalis</i> L.	Vimeiro-do-norte, vimeiro-francês, vimeiro-branco, vima, vimeiro-fêmea, salgueiro-francês	X	X	X
<i>Salix x rubra</i> Huds.	–	X		X

Síntese provisória das espécies de *Salix* usadas em cestaria em Portugal, Espanha e França (Fonte: Blanco 1993; Brotero 1804; Coutinho 1887; Du Breuil 1875; Franco 1943; Kuoni 1981; Portela-Pereira et al. 2013)

# 5. DA CESTARIA DE VIME EM GONÇALO

## 5.1 CONTEXTO GEOGRÁFICO

A freguesia de Gonçalo localiza-se na Região Centro de Portugal, na NUT III Beiras e Serra da Estrela, pertencendo ao concelho e distrito da Guarda. Dista desta cidade cerca de 22 km para sul, situando-se numa vertente da Serra da Estrela que delimita, do lado ocidental, o vale da ribeira da Gaia, afluente do Zêzere. A sede da freguesia, elevada a vila em 1995, tem o seu centro cívico à latitude de 40°25'10.53"N e longitude de 7°20'51.62"W, com altitude aproximada de 600 m e exposição predominante a NE. O vértice meridional da freguesia de Gonçalo, situado próximo da confluência da ribeira da Gaia com o rio Zêzere, é o ponto de convergência dos concelhos da Guarda, de Belmonte e da Covilhã.

Do ponto de vista biogeográfico, Costa et al. (1998) enquadraram o concelho da Guarda na Região Mediterrânica, Província Carpetano-Ibérico-Leonesa, Setor Lusitano-Duriense e Superdistrito Altibeirense, caracterizado por bosques climatófilos de carvalho-negral (*Quercus pyrenaica* Willd.), enquadráveis na associação *Genisto falcatae-Quercetum pyrenaicae*, cujas etapas de substituição são formadas por giestais (*Lavandulo*

*sampaionae-Cytisetum multiflori*) e urzais (*Halimietum alyssoido-ocymoidis* e *Genistello tridentatae-Ericetum aragonensis*). A caracterização da vegetação das margens da ribeira da Gaia, onde ocorrem várias espécies espontâneas de *Salix*, assim como da cobertura vegetal atual da freguesia, poderá vir a ser realizada em fases posteriores deste trabalho.

Ocorre em Gonçalo um espécime de carvalho-negral classificado de interesse público pelo Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas (Aviso nº 2, de 2 de fevereiro de 2011). É uma árvore centenária isolada, de porte notável, embora fragilizada, situada à entrada da vila, conhecida localmente por "Carvalho Grande" ou "Carvalho Santo", sendo alvo de especial devoção pela população local, associada ao culto da Senhora da Misericórdia. No site da Junta de Freguesia de Gonçalo<sup>[1]</sup>, é considerada "uma árvore mítica e ancestral, marca indelével da nossa cultura e matriz da nossa identidade".

Segundo os dados do último censo (2011), residem em Gonçalo 1167 habitantes, confirmando uma tendência de declínio populacional que se verifica desde a década de 1950, quando

[1] <https://www.freguesiadegoncalo.pt/roteiro-turistico>

a freguesia chegou a ter perto de 2000 habitantes. Devido à reorganização administrativa do território das freguesias (Lei n.º 11-A/2013, de 28 de janeiro), a freguesia de Gonçalo agregou a extinta freguesia de Seixo Amarelo, tendo atualmente uma área de 27,10 km², o que corresponde a uma densidade populacional de 43,1 hab/km². As atividades económicas principais são a atividade agrícola, nomeadamente a fruticultura, a indústria de alumínio, a restauração e outras pequenas atividades comerciais. Especial referência merece a exploração mineira de estanho na freguesia de Gonçalo, feita com recurso a uma dragagem mecânica de grandes dimensões, implicando a remoção da camada de solo arável, o que originou conflitos com a população local (Silva [2015]). Atualmente, equaciona-se a exploração de lítio no campo pegmatítico de Gonçalo, considerado o campo filoniano mais enriquecido em lítio em Portugal (Lourenço et al. 2017). Além destas atividades, assume particular relevância a cestaria de vime, que se descreve em seguida.

## 5.2 A ATIVIDADE CESTEIRA EM GONÇALO

Gonçalo é uma freguesia reconhecida pela importância de uma atividade artesanal específica: a cestaria de vime. A produção de cestos em verga e vime, e de outros artefactos, incluindo mobiliário de vime, assumiu durante longo tempo um papel importante na economia da freguesia, sendo considerada, como já se referiu, o centro difusor deste tipo de cestaria em Portugal. A importância desta atividade, uma “marca maior” da identidade local<sup>[2]</sup>, está patente no brasão da freguesia, cujo escudo representa um carvalho arrancado de verde, landado de vermelho o “Carvalho Grande” acima mencionado, entre dois cestos de vermelho realçados de negro. No centro cívico da freguesia foi inaugurado em 1993 um conjunto escultórico em granito, da autoria de Moreira Neves, que homenageia os profissionais da cestaria<sup>[3]</sup>. Contudo, esta atividade é atualmente residual em Gonçalo, se comparada com o desenvolvimento que outrora teve. Na década de 1970 a cestaria em Gonçalo encontrava-se em plena atividade, como testemunha a seguinte passagem de uma

[2] <https://www.freguesiadegoncalo.pt/roteiro-turistico>

[3] <https://www.culturacentro.gov.pt/pt/museus/museu-virtual-de-arte-publica/guarda/guarda/cesteiro/>

publicação de divulgação regional (Simões 1979: 78):

“[A aldeia de Gonçalo] tem como característica saliente o ter desenvolvido a arte de fazer trabalhos em verga: cestos artísticos, carteiras de senhora e mobiliário. Hoje é uma indústria que ocupa quatro centenas de operários e com boa exportação para a Suécia e América do Norte. Trata-se de uma manufactura não susceptível de mecanização, ocupando, pois, muita mão-de-obra e pondo em relevo a arte e criatividade populares. Pena é que a verga seja, em grande quantidade, importada, por não haver quem, neste vale ubérrimo, a produza em quantidade e qualidade requeridas. A crise que, a seguir ao 25 de Abril de 1974, atirou para o desemprego a quase totalidade destes trabalhadores foi vencida com a constituição de uma cooperativa — a Cescoope.”

Relativamente à cestaria em Gonçalo como profissão a tempo inteiro, um apontamento sobre a história da freguesia, por António Proença Cardoso, publicado no catálogo da exposição “Cestos com asas”, realizada no Paço da Cultura da Guarda em julho de 2003, situa o seu estabelecimento em finais do século XVIII ou início do século XIX; os assentos de

batismo do período 1860 a 1880 “revelam que os pais das crianças baptizadas são na maioria cesteiros” (Cardoso 2003: 9). Fica em aberto a questão de se saber “como e porque é que este tipo de cestaria apareceu em Gonçalo” e ainda: “Como é que se processou este movimento, teria sido de fora para dentro, ou de dentro para fora? [...] Foi a partir de uma família, ou de um grupo delas já mais ou menos habituadas na produção dos cestos? Porquê em Gonçalo, e o que está atrás do seu aparecimento especializado?” (Cardoso 2003: 10). Na análise da cestaria de Gonçalo feita pela geógrafa Ana Pires, publicada no catálogo da mesma exposição (Pires 2003), são focados vários aspetos relevantes sobre esta atividade, nomeadamente:

– Os dados de um inquérito às artes e ofícios tradicionais, realizado em 1995 pela Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro, que permitem enquadrar a cestaria de Gonçalo no contexto regional; os resultados salientam a predominância masculina dos artífices a tempo inteiro, e a existência de 150 cesteiros ativos, que confirmam esta freguesia, onde “mesmo quem não é cesteiro sabe fazer cestos”, como o mais importante centro de manufatura cesteira em Portugal Continental.

– O desconhecimento das circunstâncias do estabelecimento do centro produtor de cestaria em Gonçalo, donde irradiaram os cesteiros que se espalharam pelo Baixo Mondego e por outras regiões, e da forma como se desenvolveu e definiu a sua área de mercado, que abarcava todo o território continental português e alguns países europeus; refere-se a relação existente entre a cestaria de Gonçalo e a da Camacha, na ilha da Madeira, que requer uma investigação adequada.

– Um inquérito sumário feito em 2003 a todos os cesteiros de Gonçalo, ao qual responderam 219 artesãos, suscitando uma revisão crítica dos dados do inquérito de 1995: do total de respondentes de 2003, apenas 55 pessoas trabalham a tempo inteiro na cestaria, o que corresponde a cerca de 50 oficinas, salientando-se igualmente a importância do trabalho feminino, já que 122 dos respondentes são mulheres (cerca de 55% das respostas), 25 das quais são cesteiras a tempo inteiro, situação que não é nova, sendo frequente o trabalho feito por casais. - A idade média dos cesteiros/as, que é “muito elevada”: 57,3 anos no caso dos homens, 54,9 no caso das mulheres, não havendo cesteiros com menos de 36 anos, nem cesteiras com menos de 41 anos.

– Outros fatores que contribuem para o declínio da cestaria em Gonçalo, como a perda de mercado, consequência da entrada de produtos de cestaria asiáticos e do uso de recipientes em plástico, e a falta de motivação dos mais jovens para darem continuidade às oficinas familiares, que apresentam uma flagrante falta de condições, sobretudo durante a estação fria, tornando a atividade especialmente penosa.

Esta análise aponta a necessidade de “repensar as formas escoamento” e de reorientar a atividade “em relação a um mercado cada vez mais urbano e sofisticado” (Pires 2003: 22). No final do catálogo *Cestos com asas* é apresentada uma lista de cesteiros de Gonçalo, com 230 nomes.

No texto publicado em 2013 no catálogo *Idades Entrelaçadas*, mencionado em 4.2., Ana Pires retoma e atualiza alguns aspetos da análise efetuada em 2003, salientando que continua por fazer “a investigação e o estudo que a extraordinária produção de Gonçalo há muito teria justificado” (Pires 2013: 19); menciona a obra de Bignia Kuoni, assinalando que “esta investigadora não se apercebeu que a cestaria feita junto à Sé de Vigo [...] se originou a partir de cesteiros de Gonçalo, que aí se fixaram [...]” (Pires 2013: 21); e aponta, como dado

mais relevante, o “brutal declínio” da atividade cesteira em Gonçalo, não restando mais do que 5 oficinas, com apenas 10 profissionais de cestaria a tempo inteiro, no total. No final do catálogo, são incluídos os contactos de apenas 3 artesãos certificados de Gonçalo: Alberto Carvalhinho, António Vaz e Carlos Pina.

Um aspeto que merece investigação própria são as formas de organização dos cesteiros de Gonçalo, começando pela “Associação de Classe dos Operários Cesteiros de Gonçalo”, constituída em 1916. A comissão fundadora, composta por Adelino Rodrigues Esteves, António da Silva Proença e José Manuel Rodrigues Melo, requereu ao Ministro do Trabalho, em 5-06-1917, a aprovação dos estatutos redigidos em 1-12-1916, subscritos por 34 sócios fundadores; o alvará de aprovação foi emitido em 25-07-1917, mas a associação viria a ser extinta cerca de 1930, devido à sua precária situação económica<sup>[4]</sup>. Nas décadas de 1960/1970 surgem em Gonçalo duas empresas, a Vergal e a Vimarte, “fruto da associação de vários cesteiros que já tinham oficinas [...]” (Cardoso 2003: 10), integrando cerca de 200 dos 500 cesteiros então em atividade. Em 1974, face à situação de desemprego

[4] Documentos disponíveis no Arquivo Histórico na Área Económico-Social / Indústria da Madeira: <http://arquesoc.gep.msess.gov.pt/projecto1/c/52/1102/index.htm>

gerada pela entrada em vigor do salário mínimo nacional, é fundada a CESCOOPE, Cooperativa Operária de Gonçalo, SCAR, cuja atividade seria retratada no documentário que António de Macedo realizou em 1975 para a RTP<sup>[5]</sup>. Posteriormente, um artigo publicado no Diário de Lisboa<sup>[6]</sup> retrata sumariamente esta cooperativa, então com 158 operários cooperantes, cuja média de idades era de cerca de 30 anos, tendo os operários mais velhos 40 a 45 anos, só excepcionalmente havendo algum com 50 anos; o vime utilizado era até então adquirido na ilha da Madeira, situação que se tinha alterado recentemente; a produção cesteira era exportada através da INTERCOOPE (Lisboa), sobretudo para a Suécia, mas também para o Canadá e os EUA, a França, a Suíça e a RFA. O nível de organização alcançado é testemunhado pela qualidade do catálogo produzido. Não foi possível apurar a data em que a cooperativa deixou de funcionar, nem os motivos que a tal levaram, embora se saiba que parte do arquivo documental se encontra ainda à guarda de um antigo funcionário. Uma análise mais aprofundada da CESCOOPE poderá ser

[5] Disponível em RTP Arquivos: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/uma-cooperativa-na-beira-alta/?fbclid=IwAR3RN1uSEWPSlncusFpdY-rak2DTcNSDK2RVKOfcCiXNo2FomPmCVx0Hmg>

[6] “CESCOOPE: o cesto é tudo”. Artigo de Júlio Rodrigues publicado no Diário de Lisboa, ano 59, n.º 20202, terça-feira, 11 de Março de 1980. Disponível em: <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=06832.182.28686#17>

feita numa fase posterior deste trabalho.

Para concluir esta abordagem, refira-se a reunião plenária da Assembleia da República, realizada em 31-01-2018, em que foram discutidos os projetos de resolução apresentados pelo PS, pelo PCP e pelo BE para promoção e valorização da cestaria de Gonçalo, que mereceram o apoio de todas as bancadas parlamentares<sup>[7]</sup>. Daqui resultou a Resolução da Assembleia da República n.º 82/2018, “Promoção e valorização da Cestaria de Gonçalo, no distrito e concelho da Guarda”, aprovada por unanimidade em 2-02-2018, que recomenda ao Governo que avalie a possibilidade de criação de um Centro para a Promoção e Valorização da Cestaria de Gonçalo<sup>[8]</sup>. A realização do “Festival da Cestaria de Gonçalo”, em agosto de 2018, pretendeu homenagear os cesteiros e o legado da indústria artesanal de cestaria em vime; contribuiu, pelo menos, para dar visibilidade nacional a esta atividade, através do interesse suscitado junto da comunicação social<sup>[9]</sup>.

[7] Diário da Assembleia da República, 1.ª série, n.º 42, de 1-02-2018. Disponível em: <https://www.parlamento.pt/DAR>

[8] Diário da República, 1.ª série, n.º 65, de 3-04-2018. Disponível em <https://dre.pt/>

[9] “Antiga capital da cestaria portuguesa dedica fim de semana à arte”. Disponível em: <https://sicnoticias.pt/pais/2018-08-19-Antiga-capital-da-cestaria-portuguesa-dedica-fim-de-semana-a-arte>

## 5.3 ENTREVISTAS AOS INFORMANTES

Os informantes foram entrevistados em 31-08-2018 (Fernando Pereira e Hélder Saraiva) e em 21-12-2018 (Armando Carvalhinho). A entrevista decorreu em formato aberto, seguindo os tópicos de um guião orientador.

### 5.3.1 FERNANDO NELAS PEREIRA

O Sr. Fernando tem 65 anos e é natural de Gonçalo. Começou a trabalhar o vime aos 11 anos, e afirma ter sido ele quem ensinou o seu pai a fazer cestos, quando este já tinha mais de 50 anos. A sua principal ocupação é a cestaria, que partilha com outras atividades, como a agricultura. Pode ser considerado o “embaixador da cestaria” de Gonçalo, tendo a oficina no piso térreo da sua habitação, situada na Avenida dos Cesteiros, n.º 2, onde expõe artefactos convencionais ao lado de peças de fantasia por si idealizadas, várias delas de grandes dimensões, que considera “peças de museu”. A sua atividade tem sido alvo do interesse da comunicação social, nomeadamente

da imprensa escrita<sup>[10]</sup>. Foi homenageado em 2016 com a Medalha Municipal de Mérito, Grau Prata, atribuída pelo Município da Guarda, e selecionado pela ADM Estrela para integrar o projeto ONEP – On Inclusive Entrepreneur / Empreendedorismo Inclusivo, colaborando na criação de novas linhas de produtos de cestaria, com o objetivo de revitalizar economicamente esta atividade. Desde 2003 que o Sr. Fernando cultiva uma parcela de vime, num terreno de aluvião com cerca de 0,5 ha, no vale da ribeira da Gaia, adjacente à EN18 e às instalações de uma antiga exploração mineira; o terreno é alugado a um proprietário particular, com cerca de 90 anos de idade, sendo o aluguer pago em géneros de cestaria. Anteriormente, o Sr. Fernando cultivava vime numa outra propriedade, com cerca de 2,5 ha.

Na plantação, os pés de vime estão dispostos em linhas, com varas brotando das cepas, podadas anualmente rente ao chão (poda de cabeça). A cultura é regada por aspersão, sendo o controlo da rega essencial para formar varas rijas, não devendo ser regadas em excesso (“deixo-as passar sede”, diz o Sr. Fernando,

[10] “Cesteiro da Guarda faz carroçarias de carros em vime e peças em tamanho gigante”. Notícia publicada em Observador, edição de 14-09-2015. Disponível em: <https://observador.pt/2015/09/14/cesteiro-da-guarda-faz-carroçarias-de-carros-em-vime-e-pecas-em-tamanho-gigante/>

para que fiquem mais rijas). O vime é colhido na primeira quinzena de fevereiro, no máximo até final desse mês, pois a partir daí “tem cio”(ou seja, a seiva circula na planta) e “larga a casca”. Em 2018, as varas de vime foram afetadas pela “pedra” (granizo). Quanto à verga de salgueiro-branco, espécie que cresce espontaneamente, é “apanhada” no início de março (designada “verga de março”). O Sr. Fernando refere que o vime produzido em Famalicão da Serra, freguesia adjacente a Gonçalo, tem propriedades ligeiramente diferentes do vime de Gonçalo, que atribui ao tipo de terreno e ao clima local. Após a colheita, os vimes são escolhidos (loteados) em quatro lotes: cabacas [cavacas?], liaças [liassas?] (com 3,5 a 4 m de comprimentos), tecidos e estacados.

No que respeita aos tipos de vime, o Sr. Fernando cultiva os seguintes:

– Vime verde, “do nosso”, com “raiz portuguesa”, que é “igual ao da Madeira”; dá vimes grossos, usados em cestaria e móveis, mas sobretudo em mobiliário; as estacas usadas na sua plantação têm origem na região; é uma qualidade de vime que prefere terra de lameiro (“quer água”): quanto mais humidade, mais se desenvolve; “toma muitos filhos”, tal como o vime amarelo, pelo que tem que ser espoldrado (operação manual de desramação das

varas); pode ser atacado por pragas “que o rapam” (como o “casacudo”, que origina o “carrapato”); é tratado com um inseticida organofosforado (Tamaron), sendo aplicadas pelo menos três caldas pelo Sr. Fernando.

– Vime amarelo, considerado uma variedade do vime verde que dá menos galhos, mas que “na roda do ribeiro dá muitos galhos”; as estacas usadas na sua plantação foram adquiridas a um particular em Castelo Branco.

– Vime espanhol, também chamado “americano”; produz estacados para cestos; as estacas para a plantação foram compradas em Braga.

– Salgueiro-branco, de origem espontânea, não cultivado, distinto do salgueiro-negral; era usado antigamente pelos ciganos e produz verga, muito rija; antes do 25 de abril de 1974 era interdita ou muito condicionada a colheita de verga nas margens dos cursos de água, fiscalizadas pelos guarda-rios.

Além destes, o Sr. Fernando menciona o vime chileno, importado pelos espanhóis, que considera “o melhor que há”, mais rígido e mais fino (“deve ser do clima da beira-mar”, no Chile, afirma); o salgueiro-chorão, usado pelos chilenos, que produz vime de pouca duração; a

verga de Monchique, que era comprada pelos cesteiros de Gonçalo; e a verga de maço, usada pelos ciganos. Outras plantas podem ser usadas localmente em cestaria, como o loendro (“leondro”) e a mimosa; o Sr. Fernando refere um exemplar isolado de mimosa, existente desde o tempo do seu avô, nas proximidades da aldeia (lugar da Barroca Funda), que, tendo sido cortada, rebentou de raiz e começou a espalhar-se.

### 5.3.2 HÉLDER SARAIVA

O Sr. Hélder tem 42 anos e é filho de cesteiro; dedicou-se à cestaria nos últimos anos, depois de um percurso profissional em atividades rurais, em Portugal e no estrangeiro, nomeadamente na Argélia e na Holanda. Tal como o Sr. Fernando, foi selecionado pela ADM Estrela para integrar o projeto ONEP – On Inclusive Entrepreneur / Empreendedorismo Inclusivo.

Cultiva vime numa propriedade sua, designada “Quinta do Ti Abílio” (nome do anterior proprietário), situada na parte superior da freguesia. A plantação foi instalada em 2015, com vimeiro-amarelo (de liaça) e vimeiro-espanhol, a partir de estacas obtidas numa antiga plantação; possui um exemplar de vimeiro “do nosso”, junto ao poço, que herdou do antigo proprietário. A rega da plantação é feita por alagamento, cada 5 dias (em média); em 2018 foi afetada pela “pedra” (granizo). A primeira colheita de vime foi feita em 2017, em pequena quantidade.

As touças de vimeiro encontravam-se a retouçar no momento da visita à plantação, produzindo novos lançamentos caulinares, possível resposta às ondas de calor de agosto de 2018. O Sr. Hélder pretende lavrar a plantação, após o próximo corte, para estimular o rebentamento de varas; pondera fazer esta operação de forma faseada, em lugar de a fazer de uma só vez. Uma das linhas de vimeiro, no extremo da plantação, irá crescer sem podas até atingir porte arbóreo, para formar uma sebe de proteção.

A oficina do Sr. Hélder Saraiva fica na parte inferior da sua residência (“loja”), situada no centro da vila de Gonçalo; possui uma coleção de moldes de madeira, usados para confeccionar modelos standardizados de cestaria.

### 5.3.3 ARMANDO CARVALHINHO

O Sr. Armando tem 73 anos e começou o ofício de cesteiro “na arte de mulher” (cestos finos em grade), a pedido de uma professora, “uma semana antes de completar 11 anos” de idade, ou seja, em outubro de 1956. Fez “todas as qualidades de cestos de mulher”, até que, aos 16 anos, foi para a Nazaré, mas regressaria a Gonçalo. Possui um rachador de madeira de laranjeira para abrir o vime, herdado da sua avó. Exerceu a profissão com perfeccionismo, podendo demorar mais tempo a fazer uma segunda peça do que a primeira, pois “o que fizer tem de sair bem feito”, mesmo que isso o

tenha levado a perder dinheiro. Mostra, como exemplo da sua arte, um móvel de vime na sala onde nos recebeu, na casa onde vive há 35 anos, produto de 80 horas de trabalho. Afirma a sua frontalidade como uma característica pessoal (“não mando recados por ninguém!”). Presidiu à CESCOOPE durante cerca de 6 anos e deixou a arte da cestaria em 2006, por motivos de saúde.

Plantou vime durante “alguns anos”, num terreno arrendado junto à ribeira da Gaia. A plantação, com mais de 2000 pés, “tinha o melhor material que já vi na vida”; o terreno fora preparado pelo dono “e depois era a meias”. Considera que a qualidade do vime cultivado em Gonçalo varia de terreno para terreno (consoante seja mais húmido ou mais seco); o “vime de cá” era plantado na margem dos terrenos, em plantações que vendiam em verde. A colheita de vime é feita “na altura própria”, “quando ripa”, entre fevereiro e abril, para que o material fique mais macio. O salgueiro espontâneo, que produz verga, é colhido na borda dos cursos de água; a verga foi outrora muito usada, embora a “verga negral” não fosse tão boa e “quase ninguém a queria”.

A verga colhida em março é a melhor, embora a de verão seja preferível para “obra de laço”. Sobre os tipos de vime com que trabalhou, o Sr. Armando refere o vime de Salamanca, cujas estacas vinham em molhos, em verde, com 150 pés; refere uma plantação feita em 1986; o vime do Chile, que “traz produto” para o bicho

e “racha tudo”, exceto o miúdo, que chega pronto a ser tecido, vendido em Gonçalo por importadores; o vime da ilha, “sem um nozinho”, embora ao longo da entrevista tivesse referido que da Madeira “vinha obra, não vime”. Sobre o processamento do vime, mencionou o vime cozido, que, “quanto mais sol apanha, mais escurece”, ainda que “o de cá nunca fique tão escuro como o espanhol”; e o vime caseiro (“em branco”), que não era cozido, cujas estacas se plantam diretamente na terra, abaceladas, obtidas a partir de vimeiros. Mencionou ainda o trabalho de cestaria feito pelos ciganos, que traziam molhos de salgueiro para Gonçalo; a verga de salgueiro, quanto mais curta e fina, mais cara era. Além do vime e da verga, outras plantas podiam ser utilizadas em cestaria, como o loendro, proveniente de um local situado a caminho de Alcains (Castelo Branco). Nas freguesias de Famalicão da Serra (Guarda) e Alcantosta (Fundão) fazia-se cestaria de madeira, o que em Gonçalo só ocasionalmente sucedia. Um dos locais de venda da produção cesteira é a loja da firma

“Hiperartesanto das Beiras”, em Belmonte, à margem da EN18 Guarda-Covilhã. A conversa abordou ainda as doenças profissionais dos cesteiros, decorrentes da sua postura na oficina, e terminou com uma crítica ao conhecido rifeiro “cesteiro que faz um cesto faz um cento”: “é mentira!”, diz o Sr. Armando, “está-se sempre a aprender”. O percurso profissional do Sr. Armando Carvalhinho, quando ainda se encontrava em atividade, foi registado por Américo Rodrigues no livro *Vir ao nascedoiro e outras histórias* (Rodrigues 1996).

### 5.4 AS ESPÉCIES DE VIME UTILIZADAS EM GONÇALO

Durante a deslocação efetuada a Gonçalo em 31-08-2018, foram colhidos espécimes de vimeiro cultivado e de salgueiro espontâneo, para identificação botânica. Foram efetuadas 6 colheitas (n.º 814 a n.º 819), processadas de acordo com as técnicas usuais de herborização (Bridson & Forman 1999). A identificação do material vegetal foi feita à

lupa binocular, com o auxílio de chaves dicotómicas (Blanco 1993; Portela-Pereira et al. 2013). Na tabela 2 apresenta-se o resultado da identificação, e sua correspondência com as designações vernaculares usadas pelos cesteiros de Gonçalo.

Devido ao facto de apenas dispormos de caracteres vegetativos (ramos com folhas), não tendo sido possível comparar o material colhido com material herborizado de referência, a identificação tem carácter provisório, devendo ser oportunamente complementada com o estudo das estruturas reprodutoras (amentilhos, flores e frutos) e de outras características anatómicas. O material colhido está pronto a dar entrada num herbário português, registado no *Index Herbariorum*, de modo a ser adequadamente conservado, ficando acessível para estudo.

TABELA 2

Identificação do material vegetal (vimeiros e salgueiro) colhido em Gonçalo.

N.º COL.	DATA	LOCAL	COORDENADAS	NOME BOTÂNICO	NOME VERNACULAR
814	31-08-2018	Guarda: Gonçalo	40°24'32.9" N 7°19'34.5" W	<i>Salix cf. fragilis</i> L.	Vimeiro-verde
815	31-08-2018	Guarda: Gonçalo	40°24'32.9" N 7°19'34.5" W	<i>Salix cf. triandra</i> L.	Vimeiro-espanhol
816	31-08-2018	Guarda: Gonçalo	40°24'32.9" N 7°19'34.5" W	<i>Salix alba</i> L.	Salgueiro-branco
817	31-08-2018	Guarda: Gonçalo	40°24'32.9" N 7°19'34.5" W	<i>Salix cf. fragilis</i> L.	Vime-amarelo
818	31-08-2018	Guarda: Gonçalo	40°24'28.9" N 7°20'47.1" W	<i>Salix cf. triandra</i> L.	Vimeiro-espanhol
819	31-08-2018	Guarda: Gonçalo	40°24'28.9" N 7°20'47.1" W	<i>Salix cf. fragilis</i> L.	Vime-amarelo

**SALIX FRAGILIS L.** (fig.3, pág.15)

Descrição morfológica: árvore de 8-20 m de altura, com tronco direito, com casca acinzentada ou pardo-acinzentada; raminhos juvenis glabrescentes ou glabros, raramente pubescentes; ramos adultos glabros, quebradiços, não aromáticos, de cor alaranjada, esverdeada ou castanho-avermelhada, com casca que geralmente não se exfolia; gemas glabras e brilhantes, por vezes inicialmente glabrescentes; folhas 5-16 x 1-3 cm, lanceoladas a ovado-lanceoladas, com ápice agudo, ligeiramente assimétrico, base arredondada, raramente cuneiforme ou algo atenuada, e margem glanduloso-serrada, por vezes subserrada; limbo brilhante, com página superior glabra, raramente glabrescente após o abrolhamento, verde-pálido ou verde-ceroso na página inferior; pecíolo com mais de 0,5 cm, glabrescente ou glabro, com glândulas presentes na junção com o limbo; estípulas largas, subcordiformes, caducas, ou persistentes nas folhas mais próximas do ápice nos ramos grossos; inflorescências em amentilhos densos, coetâneos, cada um até 7 x 1 cm, inseridos em pedúnculos longos, com brácteas foliáceas de margem normalmente inteira; brácteas florais ovadas, oblongas ou por vezes lanceoladas, com margem e face exterior pelosas, glabrescentes na face interior, uniformemente coradas, caducas; flores com 2 nectários, por vezes unidos em forma de taça; flores masculinas com

2 estames com filetes livres, pelosos na base; flores femininas com pistilo glabro e pedicelo mais comprido que os nectários, estilete mediano e estigma bifendido.

Habitat natural: locais húmidos, bosques margem de cursos de água; 0-1900 m.

Época de floração: março-maio.

Área de distribuição: Europa e SW da Ásia; naturalizada na América. Em Portugal, ocorre espontaneamente no centro e sul do país.

Notas: é um dos salgueiros de vime mais cultivados, desde tempos recuados, pelo que se torna difícil estabelecer a sua área de distribuição natural. Encontram-se descritos espécimes híbridos *S. fragilis* x *S. alba* (designados *S. neotricha* Goerz, entre outras designações), *S. fragilis* x *S. babylonica* (= *S. x blanda* Andersson), *S. fragilis* x *S. pentandra* (= *S. x meyerana* Rostk), e *S. fragilis* x *S. triandra*.

**SALIX TRIANDRA L.** (fig.4, pág.15)

Descrição morfológica: arbusto de 4-6 (10) m de altura, com ramos tenazes e flexíveis, com casca lisa, glabra, de cor castanha avermelhada, por vezes quase negra, esverdeada ou parda, que se exfolia em lâminas irregulares; gemas glabras; folhas 2-10 x 0,5-2, lanceoladas, oblongo-lanceoladas, transovado-lanceoladas, oblongo-transovadas, raramente linear-lanceoladas, serradas, com dentes glandulosos, glabras, muito raramente com

pilosidade na página inferior, que pode apresentar-se também verde-cerosa; pecíolo 0,5-1 cm, glabro ou glabrescente, ocasionalmente com glândulas na junção com o limbo; estípulas subreniformes, grandes, persistentes; amentilhos com (2)3,5(7) x 1 cm, coetâneos, os femininos retos, mais curtos e largos que os masculinos, estes por vezes com o eixo algo curvado; brácteas transovadas, por vezes oblongas, persistentes; flores masculinas com 2 nectários e 3 estames, com filetes livres e pilosos; as flores femininas com um único nectário, e pistilo pedicelado, glabro, com estilete curto e estigmas bilobulados, sésseis ou subsésseis.

Habitat natural: margem de cursos de água e de canais de rega, bosques húmidos; 50-1700 m.

Época de floração: março-maio.

Área de distribuição: Zona temperada euroasiática. É rara em Portugal.

Notas: é uma das espécies de salgueiro mais usadas em cestaria; comercialmente é considerada a mais importante, pois com ela fazem-se cestos de melhor qualidade. Utiliza-se como vime branco, descascado em fresco, ou depois de cozido, de cor acastanhada ou avermelhada. Encontram-se descritos espécimes híbridos *S. alba* x *S. triandra* (= *S. x erythroclados* Simonk.) e *S. atrocinnerea* x *S. triandra* (= *S. x multidentata* T.E. Díaz & Lamas), além dos híbridos *S. fragilis* x *S. triandra*, acima mencionados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos este estudo preliminar chamando a atenção para o carácter exploratório, superficial, dos resultados apresentados, que constituem um primeiro passo para um estudo mais aprofundado sobre as matérias-primas usadas na cestaria em Gonçalo, que é necessário realizar. A necessidade deste estudo emerge dos sinais que detetamos no ambiente cultural local, que reconhecem na cestaria de Gonçalo uma marca específica de identidade. Ressalvamos, porém, que só com meios adequados será possível suprir as lacunas de conhecimento detetadas, e aprofundar esta linha de investigação, em articulação com a rede de instituições do território e com os protagonistas desta atividade artesanal, que são os/as cesteiros/as.

Tendo em vista uma continuidade deste estudo, propomos os seguintes tópicos de investigação:

- Efetuar uma abordagem mais aprofundada da génese da cestaria como atividade marcante em Gonçalo, em termos históricos e culturais, de forma a responder às grandes questões que permanecem por resolver.
- Aprofundar a contextualização da cestaria de Gonçalo em termos ibéricos e a sua relação com outros centros produtores, como a ilha da Madeira; atenção especial

pode ser dada ao caso da atividade cesteira em Chimbarongo, no Chile (Ábalos Romero 2005), pela analogia que apresenta com Gonçalo.

– Desenvolver a informação preliminar resultante das entrevistas realizadas, através de um processo de observação participante, durante um período de tempo que permita acompanhar todo o ciclo de produção e transformação da matéria-prima.

– Aprofundar o estudo etnobotânico das espécies de *Salix* usadas na cestaria, da organização local da cultura de vime em Gonçalo, da colheita de verga e das técnicas de processamento da matéria-prima, e das subtis variações que se podem encontram de cesteiro para cesteiro, fazendo ressaltar a sua importância num processo de caracterização / valorização / certificação da cestaria de Gonçalo.

– Efetuar o levantamento da flora e da vegetação local, especialmente nos ecótonos ribeirinhos, indagando eventuais relações entre os salgueiros espontâneos e cultivados, e o seu contributo para a produção da paisagem local.

– Efetuar o estudo das formas de orga-

nização dos cesteiros de Gonçalo, com destaque para a CESCOOPE, cuja memória está ainda viva, aguardando um registo adequado.

De objetos modestos e familiares, cuja utilização remonta a épocas recuadas na história humana, os artefactos de cestaria continuam a ser motivo de interesse e de procura, embora não seja viável pensar no regresso a um contexto de produção que se extinguiu. A criação de novas linhas de design em cestaria, associadas a circuitos de produção e comercialização adequados é a promissora possibilidade que se abre a este setor de produção artesanal. Esperamos que a investigação etnobotânica possa contribuir para que a cestaria em Gonçalo se revitalize e alcance o futuro, preservando a sua memória de forma fecunda.

# REFERÊNCIAS

- ÁBALOS ROMERO, M. I., 2005. Promotion du secteur de l'osier au Chili. *Unasylva*, 56 (221): 40-46.
- BICHARD, M., 2008. *Baskets in Europe*. Fyfield Wick Editions, Oxon.
- BLANCO, P., 1993. Salix L. In: Castroviejo [et al.], S. [Ed.], *Flora Iberica. Plantas vasculares de la Península Ibérica e Islas Baleares. Vol. III. PLUMBAGINACEAE [partim]-CAPPARACEAE*. Real Jardín Botánico, C.S.I.C., Madrid, pp. 477-517.
- BRIDSON, D., FORMAN, L., 1999. *The Herbarium handbook*. Royal Botanic Gardens, Kew, 3rd ed.
- BROTERO, F. A., 1804. *Flora Lusitanica [etc.]. Pars I*. Typographia Regia, Olissipone [Lisboa].
- CARDOSO, A. P., 2003. Breves incursões na história de Gonçalo. In: Rodrigues, A. (Ed.), *Cestos com asas*. Câmara Municipal da Guarda e Junta de Freguesia de Gonçalo, Guarda, pp. 3-12.
- CARVALHO, A. M., Pardo-de-Santayana, M., Morales, R., 2006. Traditional knowledge of basketry practices in a Northeastern region of Portugal. In: Ertu, Z.F. (Ed.), *Proceedings of the IVth International Congress of Ethnobotany (ICEB 2005)*. Ege Yayınları, Istanbul, pp. 335-338.
- COSTA, J. C., AGUIAR, C., CAPELO, J. H., LOUSÃ, M., NETO, C., 1998. Biogeografia de Portugal Continental. *Quercetea – Revista da Associação Lusitana de Fitossociologia*, 0: 5-56.
- COUTINHO, A. X. P., 1887. *Curso de silvicultura. Tomo II*. Esboço de uma flora lenhosa portuguesa. Academia Real das Ciências, Lisboa.
- CULLIN-MINGAUD, M., 2010. *Matières premières. La vannerie dans l'Antiquité romaine: Les ateliers de vanniers et les vanneries de Pompéi, Herculaneum et Oplontis*. Publications du Centre Jean Bérard, Naples, pp. 15-48.
- DESBOROUGH, M. J. R., KEELING, D. M., 2017. The aspiirin story – from willow to wonder drug. *British Journal of Haematology*, 177: 674-683.
- DU BREUIL, M. A., 1875. Saules à osier. Les vignobles et les arbres à fruits à cidre. *L'olivier, le noyer, le mirier et autres espèces économiques*. Garnier frères, Paris, pp. 548-565.
- FERREIRA, D. F., VAZ, F. C., 2014. Cestaria de giesta piorna de Frende. In: Ferreira, D.F., Vaz, F.C., Machado, J.N. (Eds.), *Serra. Património imaterial do Tâmega e Sousa*. Rota do Românico, Lousada, pp. 57-61.
- FIGUIER, L., 1865. *Histoire des plantes*. Hachette et Cie, Paris.
- FONTALES, C., 2005. *Cestería de los pueblos de Galicia*. Ir Indo Edicións, Vigo.
- FRANCO, J. A., 1943. *Dendrologia florestal*. [Ed. autor], Lisboa.
- GALHANO, F., 1961-1962. Cestaria de Entre Douro e Minho.

- Contribuição para o estudo da cestaria portuguesa. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 18: 257-335.
- Galhano, F., [1960]. Cestaria e esteiraria. In: Lima, F.C.P. (Ed.), *A arte popular em Portugal [Vol. 1]*. Editorial Verbo, Lisboa, pp. 265-295.
- Galhano, F. B., 1960. Algumas notas sobre a indústria de cestaria fina em Portugal. *Estudos e ensaios folclóricos em homenagem a Renato Almeida*. Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro, pp. 393-397.
- IEFP [Ed.], 2013. *Idades entrelaçadas – Formas e memórias das artes de trabalhar fibras vegetais*. Instituto do Emprego e Formação Profissional, Lisboa.
- Kuoni, B., 1981. *Cestería tradicional ibérica*. Ediciones del Serbal, Barcelona.
- Kuzovkina, Y. A., 2015. *Checklist for cultivars of Salix L. (willow). First version*. International Salix Cultivar Registration Authority, FAO – International Poplar Commission.
- Laguna, M., 1884. *Flora forestal española. Atlas de la primera parte*. Ministerio de Fomento, Madrid.
- Lourenço, C., Leite, M., Guedes, M., Pinto, F., Martins, L., 2017. *Relatório do Grupo de Trabalho "Litio"*. Ministério da Economia, Lisboa.
- Mingote Calderón, J. L., 2014. Cestos, gestos y género, en los azulejos portugueses de la primera mitad del siglo XX. *Revista de Dialectología y Tradiciones Populares*, 69 (2): 435-466.
- Oliveira, E. V., Galhano, F., Pereira, B., 1995. *Cestaria. Alfoia agrícola portuguesa*. Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2.ª ed., pp. 333-347.
- Pires, A., 2003. A cestaria de Gonçalo, ComTexto. In: Rodrigues, A. (Ed.), *Cestos com asas*. Câmara Municipal da Guarda e Junta de Freguesia de Gonçalo, Guarda, pp. 13-23.
- Pires, A., 2013. A cestaria de Gonçalo no ano de 2013. In: IEFP [Ed.], *Idades entrelaçadas – Formas e memórias das artes de trabalhar fibras vegetais*. Instituto do Emprego e Formação Profissional, Lisboa, pp. 17-31.
- Portela-Pereira, E., Capelo, J., Neto, C., Costa, J. C., 2013. Síntese do conhecimento taxonómico do género Salix L. em Portugal Continental. *Silva Lusitana*, 21(1): 103-133.
- Pučka, I., Lazdiņa, D., 2013. Review about investigations of Salix spp. in Europe. In: Treija, S., Skujeniece, S. (Eds.), *Research for Rural Development 2013. Annual 19th International Scientific Conference Proceedings*. Volume 2. Latvia University of Agriculture, Jelgava, pp. 13-19.
- Rechinger, K. H., 1964. Salix L. In: Tutin, T.G., Heywood, V.H., Burges, N.A., Valentine, D.H., Walters, S.M., Webb, D.A. (Eds.), *Flora Europaea. Volume 1. Lycopodiaceae to Platanaceae*.

- Cambridge University Press, Cambridge, pp. 43-54.
- RODANÉS VICENTE, J. M., ALCOLEA GRACIA, M., 2017. Estudio de materiales. Cestería. In: Rodanés Vicente, J.M. (Ed.), *La cueva sepulcral del Moro de Alins del Monte: prehistoria de la Litera [Huesca]*. Pressas de la Universidad de Zaragoza, Zaragoza, pp. 46-52.
- RODRIGUES, A., 1996. *Vir ao nascedoiro e outras histórias*. Ed. Autor, [Guarda].
- SÁNCHEZ SANZ, M. E., 1994. *Cestería tradicional aragonesa y oficios afines*. Gobierno de Aragón – Departamento de Educación y Cultura, Zaragoza.
- SILVA, M. H. S., 1958-1959. O cesto. Estudo linguístico, etnográfico e folclórico (Primeira e segunda parte). *Revista Portuguesa de Filologia*, 9: 215-338.
- SILVA, M. H. S., 1960. O cesto. Estudo linguístico, etnográfico e folclórico (Terceira e quarta parte). *Revista Portuguesa de Filologia*, 10: 155-272.
- SILVA, P. G., [2015]. Lobbying industrial e (des) regulamentação da atividade mineira – notas a partir de um conflito sócio-ambiental no final da I República. *Ubmuseum – Revista Online do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior*, 2: 189-215.
- SILVA, V., CORREIA, I., NETO, A., ROMANA, J., SARAIVA, S., 2016. Ecological restoration of coastal sand dunes: Guincho beach study case (Portugal). In: Roig-Munar, F.X. (Ed.), *Restoration and management of dune systems*. Càtedra d'Ecosistemes Litorals Mediterranis, Parc Natural del Montgrí, les Illes Medes i el Baix Ter, Museu de la Mediterrània, pp. 102-113.
- SIMÕES, V., 1979. *A Serra da Estrela e as suas Beiras*. Ed. Autor, 2.ª edição, Lisboa.
- SOEIRO, T., 2008-2009. A cestaria tradicional em Penafiel. *Portvgalia*, 29-30: 253-288.
- SOTO MELGAR, M., 2015. Mimbres y tiempo. Estudio lingüístico-etnográfico de la cestería granadina. *Tonos Digital – Revista electrónica de estudios filológicos*, 29: 1-10.
- SOUSA E SILVA, M. F., PAIVA, J., 2016. *Teófrasto, História das Plantas. Tradução portuguesa, com Introdução e Anotação*. Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- SOUSA, F. D., 2010. *A intervenção do design no artesanato. Estudo da atividade cesteira em Portugal*. Dissertação de mestrado, Faculdade Engenharia da Universidade do Porto, Porto.
- STURM, J., 1809. *Deutschlands flora in abbildungen nach der natur*. Abt. 1. Bd. 7. Gedruckt auf kosten des verfassers, Nurnberg.
- VON MUELLER, F., 1905. *Diccionario de plantas uteis*. Trad. e anot. por J. A. Henriques. Gazeta das Aldeias, Porto.

## AGRADECIMENTOS

Ao Sérgio Lemos, coordenador do projeto GUARDA NINHOS, pelo seu convite para colaborar neste projeto, e por todo o apoio prestado durante a realização deste trabalho.

Aos cesteiros Fernando Nelas e Hélder Saraiva, pela sua generosa disponibilidade e pela forma incondicional como partilharam informações sobre o seu ofício.

Ao Sr. Armando Carvalhinho, antigo cesteiro e dirigente da CESCOOPE, pela partilha do seu saber, da sua experiência e das suas memórias.

À Dr.ª Ana Pires e à Prof.ª Teresa Soeiro, pela informação que amavelmente partilharam.

À Dr.ª Maria José Nobre, da Biblioteca Municipal Raul Brandão, e à Maria João Silva pela sua colaboração na pesquisa bibliográfica.

Aos técnicos/as e funcionários/as da Biblioteca Municipal Eduardo Lourenço, da Mediateca do IEFP, do Arquivo da RTP, da Cinemateca Portuguesa e das bibliotecas da Sociedade Martins Sarmento e do Museu Nacional de Etnologia, pelo seu apoio na pesquisa bibliográfica e documental.

## CONTACTOS

**EMAIL** [guardaninhos@gmail.com](mailto:guardaninhos@gmail.com)

**INSTAGRAM** [guarda\\_ninhos](https://www.instagram.com/guarda_ninhos)

**FACEBOOK** [www.facebook.com/guarda.ninhos.1](https://www.facebook.com/guarda.ninhos.1)